

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra



TERÇA-FEIRA
3 DE MAIO DE 2005
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO Nº132

“UMA CUBA DIFERENTE SERÁ UMA CUBA PÓS-FIDEL”

O dissidente Pedro Marqués de Armas é o primeiro exilado em Coimbra no âmbito da “Rede Internacional de Cidades-Refúgio”

Dois anos depois de ter aderido ao programa, durante a Capital Nacional da Cultura 2003, Coimbra recebe, pela primeira vez, um escritor refugiado. Médico-cirurgião, poeta e ensaísta, Pedro Marqués de Armas vem de Grosseto, Itália, cidade que o acolheu após a

saída de Cuba, há dois anos.

Marqués de Armas está em Portugal desde o dia 22 de Abril. O escritor estará em Coimbra pelo menos durante os próximos dois anos. Nestes primeiros tempos, o próprio afirma que pretende ambientar-se à cidade e à língua,

contando com um acompanhamento permanente por parte da Câmara Municipal de Coimbra. Na bagagem traz a intenção de editar, por cá, um livro de poesia e um estudo sobre o suicídio no seu país.

O regime ditatorial que vigora em Cuba, a

participação na revista “Diáspora” e a repressão de que foi alvo são alguns dos assuntos que o escritor de Havana aborda, falando dos motivos que o levaram a abandonar o país onde nasceu.

PÁGS. 2 E 3

NEM TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR AO PARQUE

Começou a contagem decrescente para o início da semana mais longa da cidade de Coimbra. Desde a Serenata Monumental, passando pelo Sarau Académico, Garraiada, Cortejo, até às sonoras Noites do Parque, a Queima das Fitas transforma a cidade.

Entre os que chegam e os que partem, a festa académica é muito mais do que uma visita ao Parque da Canção. Por isso, A CABRA espreita por detrás do pano e tenta revelar alternativas para além das noites agitadas do recinto. Desta feita, têm voz os estudantes sobre aquela que é sua festa.

PÁGS. 12 E 13



RUI VELINDRO

Académica / OAF

À distância de um ponto

A equipa da Briosa está mais próxima do objectivo traçado para esta época. Para se manter na Superliga, a Académica necessita de apenas mais um ponto. Invictos há onze jornadas, os “estudantes” viajam no próximo fim-de-semana até Aveiro para defrontar o “aflito” Beira-Mar.

PÁG.14

NOVOS CICLOS DENTRO DE DOIS ANOS LECTIVOS

2006/2007 foi o ano escolhido pelo Governo para a adopção dos ciclos propostos pelo processo de Bolonha

As propostas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior para a alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo serão discutidas este mês na Assembleia da República. Entre as principais mudanças avançadas pela tutela de Mariano Gago está a implementação dos três ciclos de ensino – licenciatura, mestrado e doutoramento – de acordo com o preconizado por Bolonha. O ministro já disse que os doutora-

mentos vão continuar reservados às universidades, embora seja considerada “desejável” a cooperação entre os dois subsistemas de ensino para a obtenção deste grau. A possibilidade de reconhecimento da experiência profissional para efeitos de creditação e equivalências é outra das novidades. O sistema deverá funcionar de forma semelhante ao que já acontece para conferir equivalências a outros graus de ensino. PÁG 5

Via Latina Espaços Lusófonos
A revista mais antiga
da academia
À venda na Secção de Jornalismo
da Associação académica de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Tema	12
Opinião	4	Desporto	14
Ensino Superior	5	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Estórias	22
Internacional	10	Vinte&três	23
Ciência	11		



Pedro Marqués de Armas é o primeiro escritor a chegar a Coimbra ao abrigo da Rede Internacional das Cidades-Refúgio

Escritor cubano exilado encontra refúgio em Coimbra

Pedro Marqués de Armas pode ficar “pelo tempo que entender”

Quase dois anos depois da adesão à “Rede Internacional de Cidades-Refúgio”, a Lusa-Atenas recebe o primeiro escritor. A promoção de iniciativas culturais é outro dos objectivos de um projecto onde Coimbra é a única cidade portuguesa

João Campos

Coimbra é, desde o dia 22, a cidade do escritor cubano Pedro Marqués de Armas, o primeiro a ser acolhido na cidade no âmbito do projecto da “Rede Internacional de Cidades-Refúgio”.

A adesão da cidade a este programa deu-se em Novembro de 2003, aquando da visita do filósofo Jacques Derrida, no âmbito da “Coimbra Capital Nacional da Cultura”.

O vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Mário Nunes, considera a adesão da cidade a este projecto como “uma iniciativa muito importante,

até porque provoca dentro da comunidade lusitana um sentimento de hospitalidade e de entendimento entre os povos, tal como aconteceu quando se partiu à descoberta dos mundos”. O vereador compara a situação actual de Marqués de Armas e outros escritores com a de alguns presos políticos portugueses antes do 25 de Abril, casos de Mário Soares ou Manuel Alegre. “Essas personalidades também foram acolhidas por outros países, daí estar a ser feito algo que foi efectuada anteriormente”, sublinha Mário Nunes.

O vereador da Cultura explica ainda a opção do escritor por Coimbra, cidade da qual tinha boas referências, salientando que este se candidatou pelo serviço de refúgio da UNESCO. Mário Nunes mostra-se ainda satisfeito pelo facto de Marqués de Armas ser “uma pessoa simpática e humilde”, com formação quer como médico e cirurgião, quer como poeta e ensaísta. “Trata-se de uma pessoa com uma estrutura intelectual e profissional de gabarito”, reforça. O presidente da autarquia, Carlos Encarnação, refere que “a sua história e os motivos que o levaram a sair de Cuba foram muito interessantes, pelo que também houve interesse da cidade em recebê-lo”.

No que diz respeito às responsabilidades da câmara, para além do

acompanhamento permanente, Mário Nunes explica que o escritor acolhido tem direito a uma bolsa mensal de 1300 euros, uma casa, passe e segurança social, seguro, e uma bolsa para a família. Marqués de Armas vai ficar alojado num apartamento na freguesia de Santo António dos Olivais, enquanto a Casa da Escrita, que serviria de acolhimento ao escritor na Alta da cidade, não fica pronta. Mário Nunes prevê que este edifício seja terminado dentro de um ano e meio. “Assim que for concluído, será mais um espólio ligado aos intelectuais e que ficará disponível para toda a cidade”, salienta o vereador.

Da parte do escritor cubano e dos que vierem posteriormente, este tem a seu cargo a promoção de conferências e debates, bem como o estudo e a investigação da cidade. Nas palavras de Mário Nunes, quem é acolhido pela cidade fica também “com a missão de deixar algo de positivo no aspecto da escrita”.

Um projecto único em Portugal

Coimbra é a única cidade portuguesa que aderiu a este projecto de acolhimento de escritores. “O Porto também já teve um escritor refugiado, há dois anos, mas neste momento não há mais nenhuma cidade portuguesa incluída”, subli-

nha Mário Nunes. Quanto ao sucesso da iniciativa, o vereador refere que, desde 2003, altura em que o protocolo foi assinado a nível europeu, “já aderiu um número significativo de cidades”, salientando que todas estão empenhadas em “conceder uma protecção grande aos intelectuais”. Mário Nunes tem conhecimento da adesão de cidades em França e Itália, mas “é certo que há mais nações que deram o aval a este projecto”.

Pedro Marqués de Armas deve permanecer por mais dois anos em Coimbra, podendo decidir se quer continuar, pois, como indica Mário Nunes, “o escritor pode renovar a sua permanência pelo tempo que

entender”. Em relação ao futuro do projecto, Carlos Encarnação refere que a presença da cidade nesta iniciativa é para continuar, visto que “há uma disponibilidade total por parte da autarquia para receber outro tipo de escritores exilados”.

A vinda de Marqués de Armas para Coimbra surge no seguimento de várias iniciativas de âmbito cultural levadas a cabo pela autarquia, depois da candidatura a Capital Mundial do Livro em 2007 e da inauguração do espaço “Ler ao Cubo”, no Parque Verde do Mondego. A abertura da Casa da Escrita, incluída também no projecto das cidades-refúgio, é o próximo passo da câmara.

As cidades-refúgio

A International Network of Cities of Asylum (INCA) foi idealizada em Julho de 1993 por um grupo de trezentos escritores de todo o Mundo. Em Novembro do mesmo ano foi formalizada na cidade francesa de Estrasburgo.

O objectivo desta rede passa por criar uma corrente de solidariedade para com escritores perseguidos ou censurados nos seus países, oferecendo-lhes asilo e incentivando a que estes divulguem a sua obra nas cidades de acolhimento.

Em Novembro de 2003, Coimbra viu formalizada a sua adesão à INCA, através de um protocolo assinado pelo filósofo francês Jacques Derrida, na altura vice-presidente do Parlamento Internacional dos Escritores.

Actualmente, há cerca de 50 cidades-refúgio por todo o Mundo. Para além de Coimbra, incluem-se ainda Paris, Amesterdão, Viena, Oslo, Salónica, Cidade do México e Las Vegas, entre outras.

“Um médico em Cuba é uma pessoa que não se pode mover”

ANA MARIA OLIVEIRA

Coimbra tem desde há poucos dias um morador especial. É poeta, ensaísta, médico, mas o que o distingue é estar exilado.

Abandonou Cuba em 2003 quando constatou que “não tinha liberdade para escrever” e para se exprimir como queria

João Vasco

Pedro Marqués de Armas está na cidade há cerca de uma semana, ao abrigo do programa da “Rede Internacional de Cidades-Refúgio”. Abertamente, fala de falta de liberdade de expressão, de totalitarismo, de censura, de intolerância e de discriminação. Foram estes os principais motivos que o levaram a sair da ilha de Fidel Castro, país onde o seu pensamento está constantemente e onde sonha um dia voltar.

Sonha um dia voltar a Cuba? E para que esse sonho se realizar é necessário que Fidel Castro morra?

A democracia em Cuba é uma experiência possível, mas certamente posterior a Fidel. O governo não dá mostras de mudança e continua a violar constantemente os direitos humanos. Portanto, uma Cuba diferente será uma Cuba pós-Fidel. Os últimos quinze anos, por exemplo, foram anos em que, no contexto da queda do muro de Berlim, se esperava que Cuba entrasse numa lógica de “inserção” no mundo em matéria de liberdade. Mas não foi assim. A inserção foi limitada e o sistema não teve uma abertura necessária. Houve sempre um sistema de controlo, numa sociedade em que o poder político é absoluto. E, portanto, ao fim de quinze anos, a possibilidade dessa abertura, parece impossível.

Cuba tem um regime totalitário desde 1959, desde que Fidel tomou o poder, ou só mais tarde se começou a notar a falta de liberdade de expressão?

Eu creio que a revolução foi autêntica. Participaram muitas forças, agruparam-se muitos sectores, os católicos e os socialistas, e foi um fenómeno genuíno. Houve realmente uma mudança em Cuba. Mas, a revolução foi também condicionada pelas características de um país rural, que tinha dificuldades em emancipar-se. E assim se gerou uma lógica de controlo absoluto do poder.

O Pedro é um dos que não crê nesse totalitarismo de Fidel Castro. A partir de quando é que começou a sentir que não se identificava com aquele regime?

Reconheci isso num mundo interior, familiar, subjectivo. Primeiro reconheci-o em mim, não na militância. É um mundo onde muita coisa não está bem. Foi através da minha experiência da literatura. Friso sempre a minha experiência enquanto escritor, não como homem político, pois não o sou. Como escritor, fui-me abrindo



“Sinto-me principalmente poeta. É através da poesia que me sinto mais ligado à terra, a mim mesmo”

mais, fui atingindo uma maior complexidade na escrita, que era necessariamente o resultado de encontrar a solução para os problemas de um sistema totalitário. Tudo está sob controlo. E toda a palavra que circula, que desenha a realidade, tem uma determinada carga de intencionalidade política, tende sempre a seguir um tendência. Houve um momento em que eu disse: ‘Bom, vou ter que enfrentar esta situação’, e fi-lo através de uma revista. Foi todo um processo de crescimento.

Estamos a falar de uma revista chamada “Diáspora”. Uma revista que é um movimento cultural, político, e que foi a partir de certa altura cercado pelo regime cubano. Foi assim?

Sim. Primeiro foi um grupo de oito escritores que tinham uma certa autonomia na escrita, na leitura. No fundo, tentámos todo este tipo de movimentos em revistas, num grupo de escritores que aceitou poetas, e iniciámos uma reforma, uma maneira de intervir - a poesia em sentido crítico, lúcido, que não era entendida como panfleto político, era uma experiência com a língua.

A revista foi proibida?

A revista estava proibida de antemão (antes de ser publicada!). Existe censura de antemão. É uma revista independente, o que não é, desde logo,

aceite em Cuba, pois todas as revistas têm o controlo do poder político. Queríamos um revista independente, pois considerámos que só assim nos poderíamos concentrar com toda a força e toda a intensidade no próprio produto. Não depender de outros, não termos que passar por uma comissão de censura, e dissimular uma série de coisas.

A revista encontrou dificuldades de publicação. Não há imprensa livre em Cuba. É um grande problema imprimir clandestinamente em Cuba.

Foi perseguido dentro de Cuba ou não sentiu isso ao participar na própria revista “Diáspora”, com poemas, ensaios?

Em Cuba, há um implicação. Há cerca de quinze/vinte anos publicava-se um poema que não tinha nenhuma mensagem revolucionária, nenhuma mensagem contra esse sistema e isso era um grande problema. A censura caminha no sentido de se tornar cada vez menos textual, menos referida ao texto. Ora, nesta linha, se o texto é uma reflexão sobre totalitarismo é impubliável em Cuba. Se o texto é uma reflexão crítica mais revolucionária, não é publicável em Cuba. Se é um texto conceptual que apreende a situação cubana, que demonstra o nosso sofrimento como cidadão, não se publica. O que se publica é poesia conceptual, uma poesia hermética, estranha, isso passa. Pode-se publicar um livro. Mas, creio, independentemente disto, que a censura opera em todo o modo de vida e se tens uma opinião divergente ficas marcado.

“A democracia em Cuba é uma experiência possível, mas certamente posterior a Fidel”

Essa falta de espaço foi o que o fez sair de Cuba?

Era médico em Cuba, e vivi uma situação muito triste du-

rante um ano. Um médico em Cuba é uma pessoa que não se pode mover. Todos as pessoas têm essa dificuldade em Cuba, mas um médico tem mais. Um médico não pode trabalhar como escritor, é muito difícil, por exemplo, sair do país e divulgarmos a nossa obra. Há um mundo infinitamente burocratizado que pode particularizar

cada indivíduo e sofre isso durante anos, particularmente durante um ano em que acabei por pedir a minha liberação.

“O bloqueio dá um capital político enorme”

O bloqueio económico tem tido um impacto muito directo em Cuba, ou é muitas vezes uma desculpa para Fidel e seus súbditos?

O bloqueio dá um capital político enorme. É uma política absurda por parte dos EUA, em todos os sentidos, porque não deu resultados em termos de mudanças em Cuba e afecta sobretudo o povo e não quem devia ser atingido - esses estão protegidos pela capa do poder. Tudo isto permite a formação de um discurso anti-imperialista, que não permite que as pessoas viagem, que falem...

A sua própria vida foi condicionada também muito por essa falta de liberdade. Ter ido para médico foi quase uma inevitabilidade?

Há, de facto, um processo socializante que forma médicos em massa, que nem sempre têm uma grande qualidade. Mas, como todas as outras coisas, a medicina cubana tem aspectos positivos e negativos. Há que ver é a medicina dentro de um contexto totalitário. Não se pode ter todas as opiniões que se quiser enquanto médico. Em qualquer campo da vida profissional cubana não pode haver crítica.

Vir para o exílio foi uma forma de fugir àquilo que podia parecer inevitável - ser preso?

Cada caso é um caso. No meu, nunca estive perto de ser preso, porque o tipo de violência que podia exercer era fundamentalmente intelectual. Sentia-me era cada vez mais só, porque muitos dos meus amigos já ti-

nam saído do país, os meus projectos não podiam seguir por diante e não tinha liberdade para escrever e para me exprimir.

Agora em Coimbra, fica a promessa de dois livros - um de poesia e outro sobre medicina, mais concretamente, sobre o suicídio em Cuba, que é um livro que já anda a escrever...

Sinto-me principalmente poeta. É através da poesia que me sinto mais ligado à terra, a mim mesmo. O resto da produção são ensaios de literatura. Tenho ensaios dispersos, entre eles um ensaio sobre a literatura cubana. Mas a mim não me preocupa a forma de livro. Tenho trabalho pendente como

“Nunca estive perto de ser preso”

investigador, pela minha própria experiência no campo da medicina. Investiguei nos últimos anos sobre

a medicina cubana e toda a relação que existe entre medicina e poder, como se vai criando o conceito de anormal, e eu trabalho neste sentido acumulando uma série de textos. Também trabalho como investigador na área do suicídio e vou lançar um livro sobre isso. Não pretendo que seja um estudo demográfico do suicídio.

A escrita, principalmente a poesia, relaciona-se com o sonho. Com que Cuba sonha Pedro Marqués de Armas?

Imagino um mundo onde seja possível viver em democracia, onde este instrumento seja exequível, que esse mundo não seja posteriormente um fracasso e com gente que quer contribuir como profissional.

Esta entrevista pode ser ouvida na íntegra na Rádio Universidade de Coimbra, quarta-feira às 22 horas e quinta-feira às 8 horas.

EDITORIAL

A elite dos 9,5

Um dos problemas do ensino superior reside na designação de "superior", que faz com que todas as outras modalidades de formação sofram do estigma da inferioridade

Difícilmente se pode considerar elitista a exigência de um mínimo de 9,5 valores. Há o argumento da discrepância entre notas de frequência e as notas das provas de acesso, estas mais baixas do que aquelas por uma suposta culpa da falta de qualidade do ensino – não sendo as más notas culpa dos alunos, é injusto deixá-los de fora do ensino superior. Ora, temos aqui um ciclo vicioso: se se habilitam pessoas para ensinar que não conseguiram atingir um patamar mínimo na área enquanto estudantes, o ensino será, forçosamente, medíocre. E se o ensino é medíocre, então vemo-nos forçados a nivelar por baixo para garantir os níveis de acesso ao ensino superior, porque, em última instância, a culpa dos maus resultados não é dos alunos.

Um dos problemas do ensino superior reside precisamente na sua designação de "superior", que faz com que todas as outras modalidades de formação sofram do estigma da inferioridade. O Governo faz bem em exigir um mínimo a quem pretende frequentar o ensino politécnico e universitário, o que não significa deixar de apostar em outras modalidades de ensino (como, por exemplo, os cursos de especialização tecnológica) como forma de garantir a igualdade do acesso à formação.

Uma das medidas mais interessantes anunciadas por Mariano Gago no âmbito das alterações à Lei de Bases da Educação pretende o reconhecimento, através de um sistema de creditação, da experiência profissional obtida fora do contexto universitário. A intenção do ministério, (que não é propriamente nova, tendo já sido esboçada pelo segundo executivo de António Guterres) passou mais ou menos despercebida, ofuscada pela "notícia" da implementação dos ciclos de Bolonha dentro de dois anos lectivos. A CABRA tentou até ao fecho desta edição, sem sucesso, obter mais pormenores sobre o sistema de reconhecimento de competências proposto pelo ministério. É sabido apenas que deverá aproveitar a experiência do sistema que actualmente dá equivalências ao 6º e 9º anos. Aliada à certificação de competências para atribuição de equivalência ao 12º ano (já prevista, mas que ainda não está a ser praticada) esta medida deverá contribuir para uma maior democraticidade do ensino superior e para permitir o acesso e conclusão de grau a quem não pôde fazer o "normal" percurso de estudos.

É claro que um sistema desta natureza está sujeito à crítica fácil de servir apenas para aumentar os dados estatísticos relativos à formação da população activa portuguesa. Isso depende, essencialmente, dos moldes e da seriedade com que for executado. João Pereira

Cartas ao director podem ser enviadas para direccao@acabra.net

O que fazer com a Escola das Artes?

Fausto Cruchinho*

Respondo ao convite formulado pelo jornal universitário A CABRA para opinar sobre o anúncio da criação de uma Escola das Artes, feito pelo senhor Reitor da Universidade de Coimbra na última edição da revista Rua Larga. Nesse documento fundador da discussão que a comissão dos 12 por si nomeada vai encetar, o senhor Reitor lança as bases programáticas dessa discussão, com apelo a toda a comunidade académica: o parágrafo quarto é aquele que melhor define o perfil dessa nova escola, ao propor a adequação do ensino a ministrar às práticas pedagógicas já existentes e à vida activa. Dizendo de outro modo, o autor constata que a Universidade está atenta ao que em seu redor e no seu seio se foi constituindo como escola das artes, que não concede grau académico mas que prepara e lança na vida activa os seus animadores. Estou a referir-me - e creio que o autor também - à Associação Académica de Coimbra (AAC), suas secções e organismos. Há décadas que TEUC, CITAC, GEFAC, CAPC, CORO MISTO, TUNA, ORFEON, CEC, CEF, Fado formam, executam e criam, nas suas distintas áreas, o que corresponde a um saber único e verdadeiro no seio das artes, a par e em complemento ao que as oito faculdades também fazem nas suas áreas específicas.

É conhecido e reconhecido o mérito, a qualidade e o bom nome de que estas secções e organismos, mais ou menos profissionalizados, gozam na academia, na cidade, no país e no estrangeiro. Também se sabe e reconhece que é caso único nas universidades portuguesas e estrangeiras. Também é notório que constitui uma velha aspiração dos seus sócios, animadores, dirigentes actuais e passados, a passagem dessa prática artística para os bancos da Universidade. De igual modo, não será necessário voltar a referir as muito proveitosas e ancestrais ligações entre docentes da Universidade e algumas destas secções e organismos, numa relação de complementaridade de saberes.

Ora, neste mapa de práticas artísticas associativas é maioritária aquela que se poderia definir como pertencendo às artes performativas: teatro, música e dança. Porém, as artes visuais, como as artes plásticas, o cinema e a fotografia, a que se juntou recentemente a televisão, também têm tido ao longo do tempo, e têm actualmente, uma projecção que antecipa um genuíno interesse e um esperançaoso augúrio do que, na Universidade de Coimbra, uma Escola das Artes pode ter: um carácter que a universidade define como vocação, a de ser universal.

Este traço a lápis grosso do panorama artístico da academia visa justificar a minha opinião sobre o anunciado ensino das artes: diria que ele já é praticado informalmente há décadas no seio e com o conhecimento da Universidade; diria que ele é o modelo a seguir enquanto variedade e sociabilidade dos saberes artísticos; diria que ele soube sempre aliar uma prática artística com as suas congéneres teóricas e criativas; diria ainda que é nele que estão e estiveram aqueles que nas últimas décadas constituem as referências na cena artística portuguesa.

Passarei, de seguida, a aduzir algumas opiniões sobre o que poderá ser o elenco de saberes da anunciada Escola das Artes. Parece uma evidência que convém reforçar, pelas palavras que escrevi antes, que a música e o teatro deverão ser as traves mestras do edifício das artes: as artes performativas delas derivadas como a dança, o canto, as artes circenses, o stand up actor e o entertainer, por exemplo, poderiam acompanhar ou complementar estas duas traves. Nas artes visuais, as artes plásticas, a foto-

grafia e o cinema serão as traves mestras, que se poderia prolongar na televisão e nas artes digitais.

Parecendo muito, não o é na verdade. Não seria necessário que todas estas ou outras áreas se constituíssem como licenciaturas, nem que todas assegurassem pós-graduações; algumas poderiam não conceder grau ou conceder outro grau que não a licenciatura. Algumas poderiam funcionar de forma interrupta, sempre que se justificasse a sua abertura. Um modelo maleável permitiria a introdução de novas áreas mais minoritárias, como formação de apresentadores, performers de rua, pintores de graffiti, fotógrafos de moda, web designers, animadores culturais, guias turísticos, publicitários.

Não sabendo, para já, equacionar a questão da procura, situar-me-ei na oferta. Não sendo a arte espontânea, mas produto da aprendizagem e da criação, uma escola das artes deveria, a meu ver, ser também uma escola dos artistas. Vejo-a como uma oficina em que professores e estudantes vestem o fato-macaco e se lançam ao trabalho. Ou seja, que se aprende fazendo e que se faz ensinando: mestres criadores e pupilos aprendizes é o segredo das grandes escolas das artes do mundo.

Colocar o aluno no centro da criação colectiva com professores e artistas é meio caminho andado para que, pelo menos, se ensine o caminho, deixando caminhar sozinho quem já tem pernas para andar. Isto dito, uma escola destas terá que recrutar praticamente todo o seu corpo docente fora da Universidade, reservando as disciplinas teórico-históricas quase só para os docentes das faculdades existentes. Ora, pelo que atrás ficou escrito, é no seio das secções e organismos da AAC que se encontram, de um modo privilegiado, muito do que poderá ser o corpo docente desta nova escola, ainda que possam não ser detentores de graus académicos adequados. De resto, é essa a situação concreta de grande parte dos docentes destas áreas artísticas, no país e no estrangeiro, no ensino superior.

Resta equacionar o lugar que as duas licenciaturas na área das artes já existentes ocuparão na futura Escola das Artes da Universidade de Coimbra: refiro-me à licenciatura em Arquitectura e à licenciatura em Estudos Artísticos. Se a primeira já tem créditos firmados, podendo falar-se já da escola de Coimbra, a segunda está numa fase experimental, produto da renovação curricular em curso na faculdade de Letras. O senhor Reitor refere-se a elas no segundo parágrafo do citado documento e teve o cuidado de chamar à comissão representantes de ambas.

Porém, se a questão do ensino das artes já estivesse resolvida com a criação destas duas licenciaturas, porquê propor a sua discussão e a sua formalização em Escola das Artes? Também diz o autor que essa futura escola não será uma amálgama de cursos, dando a entender, a meu ver, que a proposta de criação de uma Escola das Artes não visa apenas resolver administrativamente a arrumação destas duas licenciaturas numa nova faculdade. Então, resta conjecturar sobre o objectivo final do senhor Reitor, que poderá ser o de uma verdadeira criação de uma verdadeira Escola das Artes, como resposta ao secular ensino e às práticas artísticas em que a cidade está mergulhada desde a Idade Média, agora trazido para a Universidade, e dar resposta à não menos antiga história das práticas artísticas da academia.

* Docente da licenciatura em Estudos Artísticos da FLUC e Mestre em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais

A CABRA errou...

Na nossa última edição, o artigo "Dolce Vita abre as portas" (página 7) tem uma incorrecção. Lê-se no primeiro parágrafo: "O Centro Comercial Dolce Vita, o terceiro no país (os outros dois são no Porto)...". Na verdade, o shopping de Coimbra é o quarto do país. Os outros são os Dolce Vita Miraflores, Monumental e Douro. Aos leitores, as nossas desculpas.

ENSINO SUPERIOR 5

Ciclos de Bolonha já em 2006/2007

Proposta vai a debate no Parlamento

O projecto de lei de alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo para adoptar Bolonha vai ser levado a discussão na Assembleia da República, no início deste mês. Entre as principais propostas estão a modificação dos ciclos de formação e a duração dos cursos

Margarida Matos

O Conselho de Ministros aprovou, na passada quinta-feira, o projecto de lei que visa permitir a adaptação das instituições de ensino superior ao processo de Bolonha.

O objectivo é que a proposta seja aprovada em AR ainda este mês para que as instituições tenham tempo de executar as transformações internas necessárias à implementação dos ciclos de Bolonha já em 2006/2007.

A criação de apenas três ciclos de estudos, em vez dos actuais quatro (é eliminado o grau de bacharel), e a redução da duração das licenciaturas para um mínimo de três anos e um máximo de quatro são algumas das alterações consagradas no diploma. O projecto prevê que o sistema passe a estar organizado em três ciclos de estudos conducentes ao grau de licenciatura, mestrado e doutoramento.

A fórmula de financiamento para o segundo ciclo de formação - o mestrado - vai ser igualmente modificado e as propinas diferenciadas consoante as áreas de estudo. Desta forma, tanto podem vir a assumir valores iguais aos que estão estipulados para as licenciaturas, como serem sujeitas a limites a fixar em legislação futura. Uma outra hipótese é que estas propinas continuem a ser, tal como até agora, cifradas pelas instituições, explicou o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, à comunicação social: tudo depende da "relevância" que o mestrado tenha para o exercício da profissão. De acordo com Mariano Gago, "haverá mesmo uma redução muito significativa em muitas formações de 2º ciclo" que variam actualmente entre os 600 euros e mais de 15 mil euros por ano. A fixação de propinas da licenciatura permanece a cargo das instituições.

Na proposta de alteração à LBSE, os mestrados passam a poder ser atribuídos pelos institutos politécnicos. Já os doutoramentos continuam reservados às universidades ou a uma cooperação com os politécnicos.

No que diz respeito aos mestrados integrados, isto é, (cursos que pressupõem a realização de cinco ou seis anos de formação, como por exemplo, a licenciatura em Medicina e em

Arquitectura), o Executivo pretende determinar que o valor seja idêntico ao da licenciatura, sendo que o montante fixado para as licenciaturas varia entre um mínimo de um 1,3 salários mínimos nacionais (475 euros) e um máximo de cerca de 900 euros mensais.

Se o mestrado não for integrado, mas for considerado fundamental para o exercício da profissão, o Estado assegura o financiamento em cerca de 80 a 85 por cento dos custos de formação.

Experiência profissional dá equivalências

No caso destas alterações à Lei de bases do Sistema Educativo serem aprovadas, as universidades e politécnicos vão ter de reformular a duração das formações, de acordo com o que for definido pelo governo para cada área.

A ideia do ministro da tutela é definir limites que acompanhem o modelo vigente na Europa. "É inaceitável passar a mensagem de que os alunos portugueses precisam de mais anos para obter as mesmas qualificações". E explica: "Se há formações que internacionalmente têm uma duração de três anos não podem, em Portugal, ser de quatro ou cinco".

A organização dos cursos também se altera, passando a obedecer a uma lógica de créditos. A licenciatura, por exemplo, é obtida, no final de 180 ou 240 unidades de créditos (correspondentes aos três ou quatro anos). Já o mestrado é conseguido no final de mais ano e meio a dois anos de trabalho. A duração dos doutoramentos é definida pelas universidades.

A proposta prevê também alterações ao "modelo de acesso ao ensino por ad hoc", baixa dos 25 para os 23 anos. Segundo o ministro, são atribuídas competências às instituições para reconhecimento da experiência profissional dos candidatos, bem como para proceder à selecção.

Outra das grandes inovações introduzidas nesta proposta de alteração da LBSE é o facto de se permitir a criação de condições legais para o reconhecimento da experiência profissional através da acreditação. O sistema deverá ser semelhante à acreditação de competências que dão equivalência ao 6º e 9º anos. Neste âmbito, o sistema prevê que as instituições de ensino superior reconheçam a experiência profissional obtida fora do meio universitário para aceder e concluir graus académicos. O que permitirá concretizar um dos principais objectivos do processo de Bolonha: fazer com que as instituições de ensino superior contribuam para a qualificação da população.

Ainda para combater o insucesso escolar no ensino superior, que ronda os cinquenta por cento, e melhorar as qualificações dos alunos, o Governo pretende que sejam atribuídos diplomas ao fim de um ou mais anos de formação.



Cursos de Medicina são dos poucos em que o mestrado será obrigatório para a prática da profissão

Estudantes vão pedir esclarecimentos ao Executivo

A Federação Académica do Porto (FAP) vai solicitar reuniões com os partidos políticos com assento parlamentar para fazer frente ao projecto de lei de alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). Também a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) está a ponderar uma acção semelhante.

O presidente da FAP, Pedro Esteves, concorda com a margem de três a quatro anos para a duração do 1º ciclo de formação, "porque permite alguma flexibilidade na determinação da duração dos cursos, tendo em conta as suas especificidades". Já quanto à possibilidade de os institutos politécnicos poderem vir a conceder o grau de mestre, o dirigente estudantil, defende "que o Governo deveria ter ido mais longe, dando-lhes a possibilidade de leccionarem doutoramentos". E considera "que há uma atribuição directa dos doutoramentos somente face à natureza das instituições e não consoante a qualidade e o mérito".

No que diz respeito à fórmula de financiamento para os ciclos de formação, o dirigente estudantil "defende que o financiamento do segundo ciclo deve ser idêntico ao do segundo". E explica "que a serem implementados estes modelos, se vai assistir a uma desvalorização do

primeiro ciclo, obrigando os estudantes a prosseguirem os estudos para assim garantirem o futuro". Desta forma, Pedro Esteves garante que "a FAP não vai baixar os braços até que as suas reivindicações sejam escutadas".

A mesma opinião tem o presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves, que continua a exigir a gratuidade da frequência de todos os níveis de ensino superior. O estudante alerta para o facto de a anunciada redução generalizadora da licenciatura para três anos "provocar uma diminuição do financiamento do Estado no 1º ciclo que terá que ser compensada inevitavelmente por um aumento do financiamento no 2º ciclo". E garante que "tal facto não significa mais verbas para o ensino superior, sobretudo tendo em conta as baixas taxas de licenciados do nosso país".

Fernando Gonçalves considera ainda que o diploma "é muito técnico e nada diz sobre as formas de incentivar o acesso e a frequência no ensino superior, a qualidade e a mobilidade". No que diz respeito à mobilidade "não basta um sistema de créditos comum a todas as instituições", defende, considerando "que é fundamental criar apoios para auxiliar os estudantes".

Candidatura da universidade a património mundial pronta em 2007

O guião da candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da UNESCO é o ponto de partida de “um processo lento”.

Para o reitor, a delimitação da área a propor é “uma das indecisões”

Margarida Matos

Cerca de dois anos e meio vão ainda ser precisos até que a Universidade de Coimbra (UC) apresente, em definitivo, a candidatura a Património Mundial da UNESCO.

O guião da candidatura prevê, para já, englobar duas áreas distintas: a Alta universitária e a Rua da Sofia. Segundo o coordenador do Gabinete de Candidatura à UNESCO, Nuno Ribeiro Lopes e o reitor da UC, Seabra Santos, este período vai ser necessário para que se demonstre “o que se diz na candidatura”, bem como para “saber se a zona proposta é a que realmente fica”.

Nuno Rio Lopes explicou, na apresentação do guião da candidatura a Património Mundial da UNESCO, que decorreu na passada sexta-feira na Biblioteca Joanina, que este documento “não é uma proposta fechada, mas antes uma oportunidade única para fazer

uma discussão alargada à comunidade universitária e a toda a cidade”. O objectivo é, se possível, “que a candidatura represente a cidade e o país”, defendeu o arquitecto.

Já de acordo com o reitor Seabra Santos, que falou, mais tarde, em conferência de imprensa, a delimitação da área a propor é “uma das indecisões” que vai acompanhar a instituição “até ao fim”, que vai depender da comissão científica de acompanhamento constituída para o efeito, da elaboração de estudos e da selecção de outros já realizados.

A este propósito Nuno Ribeiro Lopes explicou, a título de exemplo que, apesar de os edifícios estarem em boas condições, “a envolvimento pode estar uma desgraça”. Assim, para além, da elaboração de um documento de candidatura, “é fundamental também fazer intervenção física”, salientou, referindo-se a obras de reestruturação urbana.

Para Seabra Santos um trabalho desta natureza “não se pode confinar aos muros da universidade”, entre outros motivos porque se torna necessário incluir edifícios próximos da instituição, que “com ela partilham pedaços de história: Sé Velha, Sé Nova, Colégio de Santo Agostinho, Museu Machado de Castro, Igreja de Santa Cruz, Colégios da Sofia e edifício sede da Associação Académica de Coimbra”.

Entre o património físico abrangido constam os edifícios do Paço das Escolas (a Biblioteca Joanina, a faculdade de Direito, a Via Lati-



A Biblioteca Joanina é um dos edifícios mais emblemáticos da candidatura

na, a Torre da Universidade, a Sala dos Capelos, a Reitoria, a Porta Férrea, o Arquivo), bem como o Colégio de Jesus, o Laboratório Químico, o Jardim Botânico, o Jardim da Manga, o Jardim da Seireia, o Colégio da Trindade e as re-

públicas da Alta. Mas, para além deste património arquitectónico, também as vivências culturais, a história da cidade, da UC e das tradições académicas que lhe estão associadas, estão incluídas na candidatura a património mundial. A

“Canção de Coimbra”, neste âmbito, é um dos exemplos.

Desta forma, o guião da candidatura faz uma alusão à diversidade de edifícios, nos seus variados estilos arquitectónicos e especificidades históricas, e à abrangência de influências, contributos e espólios de património intangível, que tornam o “grau de complexidade deste legado histórico bastante superior à maioria dos já classificados ou em processo de candidatura”.

A sessão de apresentação pública da candidatura assistiu, também, o presidente da Comissão Nacional da UNESCO, José Sampaio, a quem o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, se dirigiu, afirmando que se a candidatura “enche Coimbra de orgulho”, também para a UNESCO “haverá uma honra grande em aprovar esta candidatura a Património da Humanidade”. Carlos Encarnação salientou ainda a sua convicção que é inevitável “que a candidatura venha a ser ganha: é difícil ter um produto tão universalmente característico como o que resultou da fusão de uma grande universidade com a cidade”.

A intenção de candidatura foi apresentada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Julho de 2003, tendo a Universidade de Coimbra sido inscrita, em Maio de 2004, na lista indicativa de bens susceptíveis de classificação como Património Mundial, elaborada pela Comissão Nacional da UNESCO.

Estudantes populares querem corrente moderada

Sensibilizar os estudantes para a realidade do ensino superior e promover uma luta estudantil diplomática são objectivos do recém-formado Núcleo de Estudantes Populares da Universidade de Coimbra (NEPUC)

Ana Bela Ferreira
Lurdes Lagarto

“Pensa por ti mesmo” é o lema da primeira campanha que o NEPUC pretende lançar, ainda durante este mês. O presidente da estrutura, Fernando Neves, explica que esta é uma iniciativa de “informação com vários cartazes que vão sair ao longo deste ano para fazer pensar os estudantes”. Os cartazes vão conter legislação,

mas o NEPUC não pretende “impor ao estudante uma mentalidade, nem um qualquer tipo de rumo”, afirma.

O núcleo, constituído a 5 de Abril, não tenciona ser uma “força partidária”, mas sim “estimular a discussão de vários assuntos actuais e exercer uma pressão interna” no Partido Popular.

Fernando Neves explica que o núcleo foi criado com a finalidade de “debater uma estratégia de política educativa para a universidade e discutir temas relacionados com o ensino superior, como por exemplo, as prescrições, que é um tema que não é muito falado porque ainda é muito polémico”.

Em relação à luta estudantil, o presidente do NEPUC considera que “esta estratégia de manifestações, de desobediência civil, de invasões à reitoria, de uma falta de educação perante o reitor não é a mais correcta”.

Para o estudante, o “próprio reitor tem que ser uma força de oposição ao Governo e ele tem que estar do lado dos estudantes”. Fernando Ne-

ves considera que Seabra Santos fixou a propina máxima porque “foi obrigado”, pelo que não defende que os estudantes peçam a demissão do reitor. Para o presidente do núcleo, os estudantes e o reitor deviam estar juntos na luta contra o Governo.

No que toca à próxima fixação de propinas, Fernando Neves defende que é preciso falar com os senadores professores e funcionários e “sensibilizá-los para a causa dos estudantes”. “Nem que seja preciso falar com cada um individualmente”, acrescenta. O presidente do núcleo salienta que “a fase de diálogo nunca pode ser fechada”, senão os estudantes perdem “a força e a voz”.

Provocar alterações no seio da Assembleia Magna (AM) é outro ponto focado pelo NEPUC. Fernando Neves considera que “a esquerda está muito bem organizada na universidade”, que é preciso trazer à discussão uma “corrente mais moderada” e formas de luta alternativas. Assim, o núcleo pretende apresentar ideias na AM e fomentar a tolerância a opiniões diferen-

tes, para que “as pessoas não tenham medo de ir à Assembleia Magna”, conclui Fernando Neves.

Para alterar o panorama do ensino superior português, o presidente do NEPUC defende que “é preciso pressionar internamente todos os partidos políticos”. Para tal, o recém-formado núcleo pretende encetar conversas com as juventudes partidárias, de modo a uni-las nas reivindicações dos estudantes, nomeadamente no que diz respeito às propinas, às prescrições, à paridade nos órgãos de gestão, entre outras questões.

O núcleo tenciona ser um grupo aberto, ao qual qualquer pessoa se pode juntar, apesar da sua ideologia política. O NEPUC quer levar os estudantes a pensar e organizar ideias alternativas, mas sem a necessidade de vinculação. Fernando Neves acrescenta que “os estudantes são livres de defender as suas ideias na AM e de intervir activamente na vida política da associação”. No entanto, o núcleo não vai “enquanto grupo, concorrer a eleições para a direcção geral ou outro órgão de gestão”.

PUBLICIDADE

II noite de fados @ DEI

3 MAIO 2005_21h30

ESCADARIAS DO DEPARTAMENTO
DE ENGENHARIA INFORMÁTICA
POLO 2 DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Nova campanha de informação pretende continuar a focar problemas dos estudantes

Discutir Bolonha e alertar mais uma vez para os problemas dos estudantes de Coimbra são os objectivos de uma iniciativa que inclui uma polémica politização da Queima das Fitas

Margarida Matos

Sob o lema "Verdade e Consequência", tem hoje início uma campanha de política educativa que se prolonga até ao próximo dia 21 de Maio. Integradas nesta campanha, a realização do "Labirinto da Verdade", nas Escadas Monumentais e no Pólo II da Universidade de Coimbra, será uma das principais actividades a desenvolver.

Depois de "UC à Lupa", a nova campanha "pretende evidenciar que os problemas infraestruturais e pedagógicos com que os estudantes se deparam diariamente têm causas concretas", afirma o coordenador-geral do Pelouro de Política Educativa da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Segundo Joel Vasconcelos, estes "resultam de um desinvestimento na educação, da actual lei de financiamento que é uma barreira no acesso e na frequência do ensino superior, de uma acção social pouco eficaz. Daí que estas políticas produzam os seus efeitos: "Portugal é o país da Europa que tem menos jovens a frequentar o ensino superior, é o país que menos investe na educação, com uma baixa taxa de licenciados.



Escadas Monumentais vão ser palco da nova iniciativa da direcção-geral

Joel Vasconcelos explica que a direcção-geral "pretende que as campanhas elaboradas tenham uma sequência e não sejam feitas de forma desgarrada". Para o estudante "esta é a forma de sustentar e credibilizar a luta dos estudantes".

Já ontem os estudantes reuniram em Assembleia Magna, na Cantina dos Grelhados. A reunião foi convocada a pedido de um abaixo-assinado com cerca de 1300 assinaturas e não agendada pela direcção-geral, como é usual. Segundo os estatutos da Associação Académica de Coimbra, a convocação da reunião pode ser feita com cerca de cinco por cento dos sócios efectivos da AAC.

Até à hora de fecho desta edição, não foi possível apurar as decisões desta reunião da academia. Contudo, antes da realização da Magna, o presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves, afirmou "que todas as discussões são úteis e positivas quando estão em causa debater o futuro do ensino superior em Portugal". E referiu a este propósito que também os actuais mem-

bro da direcção-geral subscreveram o abaixo-assinado. O dirigente avançou ainda que esta reunião ia ser aproveitada para mobilizar os estudantes para as próximas acções de contestação já agendadas. Neste âmbito, a politização da Queima das Fitas, que tem início na sexta-feira e termina no próximo dia 13, é também um espaço de informação.

Joel Vasconcelos defende "que, sendo esta uma festa da AAC, devemos potenciá-la enquanto espaço de intervenção e reivindicação política". Con-

tudo, na Assembleia Magna de foram várias as vozes que se manifestaram contra uma estratégia que consideravam infrutífera. Assim, para o cortejo da Queima das Fitas, a ter lugar na próxima terça-feira, está a ser preparada uma sátira política para abrir o cortejo. O objectivo "é distribuir informação aos assistentes, evidenciando as exigências estudantis", declara Joel Vasconcelos. Já nas Noites do Parque, vão ser projectadas e distribuídas mensagens referentes às medidas governamentais para o ensino superior, "para que se conheçam os verdadeiros responsáveis pelo actual estado do ensino superior em Portugal".

Posteriormente à Queima das Fitas, a direcção-geral vai voltar a estar nas faculdades a distribuir informação, porque "é fundamental existir um trabalho de bases que consiga mobilizar e chamar mais estudantes à luta".

Desta forma, vai ter lugar no dia 25 de Maio um debate com os conselhos directivos, pedagógicos e científicos, com o objectivo de analisar o impacto da Declaração de Bolonha. Para o estudante, "esta é uma forma de se averiguar as implicações de Bolonha em cada uma das faculdade e consoante a natureza dos cursos".

Em finais de Maio vai ter lugar também uma campanha sobre a participação dos estudantes nos órgãos de gestão das instituições universitárias, "pois a redução do peso dos estudantes nos órgãos de gestão é das medidas mais urgentes a combater", defende o estudante. Neste âmbito, vão ser solicitadas reuniões com os parceiros educativos, porque é fundamental que se perceba o papel dos estudantes nos órgãos de gestão".

TV/AAC com emissões regulares

Televisão associativa pretende expandir-se e apostar na regularidade. Ainda este ano lectivo, assume-se como espaço de experimentação e promete voltar em força para o próximo

Diana do Mar

A mais recente secção cultural da Associação Académica de Coimbra (AAC) pretende começar a realizar emissões regulares. No que diz respeito aos conteúdos, este projecto contempla uma magazine informativa e também está em cima da mesa a realização de pequenos programas culturais, debruçados sobre a vida académica, entre outros aspectos.

"Este protótipo de magazine nasceu com base naquilo que se pretende mudar na informação da televisiva", com o objectivo de abranger todos os ramos da secção, ressalva o director de informação, Raphaél S. Jerónimo. Segundo o presidente da TV/AAC, Ricardo Matos, as transmissões regulares "foram idealizadas desde o início do ano" e, para além disso, "este projecto sempre foi uma tentativa", explica.

Um dos principais objectivos da 13ª secção cultural da AAC é "cativar os estudantes para os plenários" e "tentar arranjar patrocínios para poder oferecer ao público qualidade", esclarece o director de informação. Assim, o financiamento desta secção está dependente apenas da Direcção-Geral da AAC e de outras publicidades, o que dificulta a compra de todo o equipamento necessário.

As transmissões periódicas, sobretudo numa secção recente, são um projecto ambicioso, na

medida em que "há pouco material e, às vezes, não é possível mostrar o trabalho realizado", o que gera "uma certa frustração", explica Raphaél S. Jerónimo. A juntar a esta ambição, Ricardo Matos acrescenta o facto de "a secção pretender expandir-se para além do seu circuito interno, que passa pelas cantinas amarelas, e estender-se pelas outras cantinas e a todo o edifício da AAC".

Tendo em conta que, a TV/AAC só transmitia quando se tratava de um evento com peso, "é de salientar o facto de esta querer lançar-se com uma emissão semanal", diz Raphaél S. Jerónimo. Segundo Ricardo Matos, esta ambição só foi possível "porque houve possibilidade de alcançar alguma estabilidade financeira e organizacional". Em princípio, as quintas-feiras serão os dias da transmissão regular da televisão associativa.

Numa perspectiva geral, "a TV/AAC atravessou dois picos: o ano passado, por volta de

Março, realizou-se a primeira sessão com convidados e directos e, o segundo aconteceu pela Queima das Fitas, onde a divulgação foi muito boa", avalia o director de informação.

Depois de a primeira magazine não ter sido transmitida devido a problemas técnicos no circuito interno, a segunda está já agendada para o dia 19 deste mês. No entanto, até lá, a produção de programas terá de suspender trabalhos por causa da Queima das Fitas. Este projecto passará à prática, "logo que possível, mas é para o ano que as emissões começam em força". Para Ricardo Matos "esta é aquela fase em que se pode falhar e experimentar, para que depois seja possível transmitir com a qualidade e rigor desejados".

A televisão associativa realizou também uma série de workshops e pretende apostar, no início do próximo ano lectivo, num grande período de formação intensiva para as áreas da programação e técnico-informativa.

PUBLICIDADE

SEXTA
Informática Multimeia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

8 CIDADE



RUI VELINDRO

IPPAR recupera exterior da Sé Velha e prepara, para o final do próximo ano, o restauro do interior do monumento

Sé Velha levanta o véu

Colocação da Porta Especiosa foi o primeiro passo

Instituto Português do Património Arquitectónico arranca com conservação e restauro do interior da catedral no próximo ano

Diana do Mar

Depois de ter estado coberta desde 1998, a Sé Velha voltou a mostrar-se à cidade na sexta-feira passada, uma vez que as obras exteriores já estão concluídas. A intervenção na Porta Especiosa foi uma das principais intervenções, que exigiu cerca de 15 mil horas de trabalho.

O monumento, cuja construção se iniciou no século XII, apresenta uma “nova fachada”, mas mantém o tipo de superfície inicial com as cores naturais da pedra, porque “adições falseadoras não entram no processo de conservação e restauro de um dos monumentos mais importantes da cidade e do país”, explica o técnico do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Delgado Rodrigues.

No que diz respeito à questão financeira, o director regional de

Coimbra do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), José Tadeu Rodrigues, adianta que o projecto custou 810 mil euros.

Inserida no plano global de conservação e restauração de coberturas e fachadas, que teve início em Janeiro do ano transacto, esta operação foi alvo de uma estratégia “mais cuidada”, que passou por encarar a catedral enquanto obra de arte e não enquanto fachada arquitectónica, explica Delgado Rodrigues.

Os preparativos para esta intervenção iniciaram-se em 1998, no caso da Porta Especiosa com “um levantamento litológico e das patologias, a que se seguiram vários outros estudos, nomeadamente o histórico-artístico, de argamassas, de identificação das plantas e de produtos a utilizar no restauro”, recorda o director do instituto.

A colaboração de técnicos especializados em diversas áreas revelou-se “importante”, na medida em que esta obra, já no século XVII, se encontrava num avançado estado de degradação”, explica José Maria Henriques. Esta situação prende-se com o facto de este elemento ter sido construído em pedra da região de Ançã, o que contribuiu para o progressivo envelhecimento do edifício.

Tendo em conta que a catedral sofreu várias tentativas de intervenção ao longo destes anos, o engenheiro encara este projecto como “um enorme desafio”, uma vez que esta é uma “obra debilitada”.

De uma maneira geral, o plano processou-se “minuciosamente e de acordo com a metodologia baseada na investigação realizada pelas entidades colaboradoras” e abarca ainda “a responsabilidade de remediar os erros cometidos em intervenções anteriores”, esclarece o director regional.

Projecto interior em execução

O estudo realizado em torno das condições e características do monumento conduziu a uma intervenção que contempla não só a valorização patrimonial, mas também outras infra-estruturas como electricidade, águas e esgotos. Deste modo, foi incluído um sistema electrotático contra as aves, à semelhança do que se realizou na fachada da Igreja de Santa Cruz, e um sistema físico de escoamento de águas, cujos efeitos provocaram grande parte das patologias encontradas no edifício.

No entanto, segundo Delgado Rodrigues, “muita coisa foi feita para além do que se vê à superfície” e

“houve efectivamente uma tentativa de minimizar riscos e danos”. Esta colaboração entre o LNEC e o IPPAR tem como base “um serviço de prestação de serviços”, que se revela “importante”, explica o técnico do laboratório: “Isso facilita a interpretação dos problemas, a definição dos objectivos a atingir, bem como a escolha dos métodos a utilizar”, esclarece.

No que diz respeito ao restauro e conservação do interior do monumento, que se apresenta como outra fase de trabalho, Delgado Rodrigues revela que gostaria muito de participar nesta iniciativa, mas essa é uma decisão que cabe ao IPPAR e afirma que “ainda não houve diálogo sobre isso”.

O projecto está já em fase de execução, mas José Tadeu Rodrigues alerta para o facto de o interior da catedral “obrigar a que haja algumas restrições”. Os estudos estão a ser desenvolvidos por diversas equipas multidisciplinares que incluem, entre outros, historiadores, conservadores - restauradores, arquitectos, paisagistas e engenheiros, em articulação com a Diocese de Coimbra e o pároco da Sé Velha, pretendendo-se que esta nova fase de intervenção global se inicie no final do próximo ano.

Coimbra diz “Stop” ao tabaco

Patrícia Jesus
Sara Simões

Decorre até finais de Maio a campanha anti-tabaco “Stop”, promovida pelo Pelouro da Juventude da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). O objectivo passa por envolver as camadas juvenis do concelho na luta contra a dependência do tabagismo.

Neste âmbito, realizou-se no final de Abril um “casting”, com o intuito de agir eficazmente na área da prevenção primária e das dependências juvenis. Esta iniciativa envolveu a cooperação da Divisão da Juventude e do Gabinete de Prevenção das Toxicod dependências, contando com a colaboração de outras entidades.

A vereadora para a Juventude da CMC, Teresa Violante, refere que, devido à forte adesão dos jovens, esta campanha prolonga-se até ao dia 31, dia das comemorações da luta anti-tabaco. Sublinha ainda que “existe uma tendência para a diminuição do consumo de tabaco, embora os níveis de dependência entre os jovens, principalmente no sexo feminino, se tenham vindo a acentuar”. Na base deste estudo, vai ser brevemente publicado “um diagnóstico feito por académicos na área da Psicologia e Ciências da Educação, e que retrata a juventude conimbricense em termos de hábitos saudáveis”, salienta a vereadora.

Como actividades principais da campanha, decorrem entre os dias 9 e 13 acções de pintura em maços de tabaco de esferovite com alunos dos jardim escola, abordando o tema “Planeta sem Tabaco”, culminando numa conferência de imprensa de apresentação da campanha à cidade. Esta contará com a presença de jovens seleccionados durante o “casting”, a modelo Diana Pereira, a judoca Joana Cesário, o futebolista Paulo Adriano, e alguns nomes ligados à cardiologia, assim como professores universitários.

No dia 16 dá-se a primeira palestra na Escola Secundária Infanta D. Maria, alusiva ao tema “Jovens sem Tabaco”. No dia seguinte, está prevista a apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos dos jardim escola. Este termina num desfile da Praça da República até à Baixa, procurando a sensibilização dos cidadãos.

Entre outras iniciativas, há também um torneio de futebol entre as Escolas E.B. 2/3 Martim de Freitas e Alice Gouveia, a decorrer dia 19. Nos dias seguintes, ocorrem palestras nas escolas, em que se incluem uma apresentação de trabalhos feitos por alunos do primeiro ciclo, seguindo-se um lançamento de balões no Parque Verde do Mondego com a máxima “Coimbra a respirar melhor”.

No dia de encerramento, vão ser expostos os trabalhos realizados ao longo da campanha, acompanhados pela visualização de um DVD com os melhores momentos. A título simbólico, serão ainda trocados maços de tabaco por corações anti-stress, reflectindo a aceitação do público envolvido. Quanto a futuras campanhas do pelouro da Juventude, Teresa Violante aponta para uma acção que aborda a relação entre o álcool e a juventude.

Contratação colectiva diminui

Centrais sindicais apontam o dedo à actual legislação laboral

A ameaça do vazio legal provocado pela caducidade dos contratos colectivos de trabalho une sindicalistas na recusa do regime vigente

Marília Frias

Na quinta feira passada, o secretário-geral da Confederação Geral de Trabalhadores Portugueses (CGTP), Carvalho da Silva, reuniu com o grupo parlamentar do Partido Socialista, defendendo a revogação do regime referente à caducidade dos contratos colectivos de trabalho. Relativamente a esta matéria, o membro da CGTP Amável Alves não considera "legítima a elaboração de uma lei que estabeleça a caducidade das contratações colectivas". Por isso, defende "que sejam revogados os artigos do Código do Trabalho que prevêm a caducidade das convenções".

Na anterior legislação relativa ao contrato colectivo de trabalho, este manter-se-ia em vigor até haver um novo contrato. Outro princípio fundamental da legislação anterior era a impossibilidade de diminuir os direitos dos trabalhadores consagrados em virtude de uma convenção colectiva de trabalho, o que também não é assegurado com a legislação actual.

Referindo as "consequências práticas" da actual legislação laboral, que tem pouco mais de um ano de vigência, Amável Alves diz que a "contratação colectiva se reduziu a pouco mais de um terço" porque "as entidades patronais se recusaram a rever as convenções" uma vez que partem do "pressuposto ilegítimo" de que "isso lhes dá poder negocial". O representante sin-



Organizações sindicais ponderam acções a desenvolver por causa da legislação dos contratos colectivos de trabalho

dical acrescenta ainda que, se não se alterar a actual situação, uma grande quantidade de contratos de trabalho "vão caducar e não serão renegociados". Apesar de a CGTP não ter previsto qualquer acção de luta por causa desta questão específica, Amável Alves considera que esta estará sempre incluída nas acções previstas pela organização sindical.

UGT menos intransigente

Por sua vez, a União Geral de Trabalhadores (UGT), defende, através do seu membro Barbosa de Oliveira, que o actual código não

deve ser revogado na sua totalidade, mas este regime da caducidade dos contratos colectivos de trabalho "deve ser revisto". "Nós defendemos que um contrato colectivo só pode caducar quando seja substituído por outro" de forma a que "não se caia no vazio", explica o representante sindical.

Todavia este diz não conhecer "nenhum contrato que tenha caducado de facto", acrescentando que o que existe agora em "cima da mesa são negociações bloqueadas", porque o código "tem um período intermédio relativamente dilatado". Porém o representante

sindical denuncia: "Apesar de tudo estamos a atingir o fim" e quando ele chegar "pode surgir algum caso" de um contrato caducado, mas avança a possibilidade de usar a arbitragem obrigatória, se o Governo quiser. Quanto a acções de luta, Barbosa de Oliveira considera que deve ser dado um período de tempo ao Executivo para que "ele apresente as suas propostas de revisão do código". Lembra ainda que UGT "já reuniu com o ministro do Trabalho e reafirmou as suas posições" acrescentando que as acções de luta não terão que ser forçosamente "acções de rua".

Funerárias revoltadas com nova lei

Ana Bela Ferreira

Nos últimos dias do Governo de Santana Lopes foi promulgada uma nova legislação para o sector das agências funerárias. Agora, os principais agentes da área mostram-se revoltados com a situação, podendo levar a cabo greve aos funerais e o encerramento de cemitérios.

Uma das principais alterações desta lei é a redução para apenas um do número mínimo de funcionários. Esta mudança pode significar o desemprego para cerca de três mil trabalhadores. Contra este decreto-lei está o presidente da Associação Nacional de Empresas Lutuárias (ANEL), Carlos Almeida, que afirma que o sector funerário "necessita de meios humanos para que possa com dignidade desempenhar a função".

No sentido de alterar a legislação, Carlos Almeida adianta que foram "recebidos pelo actual secretário de Estado". Uma vez que o decreto-lei já foi publicado, o objectivo é "aditar-lhe alguns pontos" que considera "essenciais", tendo em vista o "processo de qualificação do sector que já tinha sido iniciado", explica.

Segundo o dirigente, esta alteração carece de um "trabalho que a sustente" dentro da secretaria de Estado. Carlos Almeida lembra, ainda, que o decreto "foi mal justificado", porque na introdução se menciona que "esta alteração acresce qualidade à lei existente", o que "até o secretário de Estado acha duvidoso devido à restrição aos meios humanos", esclarece o dirigente da ANEL.

Em conclusão, Carlos Almeida afirma que esta nova legislação apenas beneficia as empresas que "não cumprem as suas obrigações fiscais e sociais e que não contribuem para a riqueza do País".

Partidos procuram soluções face à seca

Tem amanhã lugar um debate parlamentar para discutir a seca que assola o país. As diversas cores partidárias estão de acordo quanto à necessidade de medidas excepcionais

Isabel Marques
Elisabete Monteiro

Devido à situação de seca vivida no país, foi requerido pelo PSD um debate parlamentar para analisar o tema.

Com 88 por cento do território em situação de seca, o prejuízo para o sector agrícola já ultrapassa os mil milhões de euros. Tendo em conta que se aproximam as estações mais quentes, com um aumento significativo das temperaturas e dado que não se

prevê grande precipitação entre Outubro e Novembro, torna-se previsível que a situação se venha agravar ainda mais.

Face a esta situação crítica, os partidos com assento parlamentar procuram soluções de apoio à classe agrícola. O presidente do PSD, Luís Marques Mendes, já veio justificar o requerimento de um debate parlamentar sobre o tema: "Estamos perante uma situação excepcional e por isso não pode deixar de haver respostas excepcionais". Coadjuvando o seu líder, o social democrata Carlos Coelho já veio especificar que as medidas a tomar pelo Executivo devem passar por "ajudas aos agricultores face às quebras de rendimento, apoiando a aquisição de bens alimentares para os animais e o investimento na captação e transporte de água" e sugerindo que se deve "facilitar a reestruturação do endividamento bancário dos agricultores".

O CDS/PP também já havia pedido em Março ao Parlamento Europeu um debate

sobre a situação de seca em Portugal. Discutida a questão, foi então aprovada uma resolução, de acordo com a qual o Parlamento Europeu pede institucionalmente que o Conselho e a Comissão procedam a uma nova análise da possibilidade da utilização de fundos de solidariedade, que anteriormente foi negada.

Complementando as intenções dos colegas partidários, o deputado popular Anacoreta Correia defende ser urgente a adopção de medidas internas, como a declaração do estado de calamidade, de modo a "acelerar os mecanismos de compensação e conseguir o apoio comunitário".

O deputado socialista Joel Hasse Ferreira concorda com as propostas social-democratas e populares, dizendo serem necessárias "medidas especiais" e asseverando "o desbloqueio de medidas de apoio aos agricultores já está em curso".

Francisco Louçã, líder do Bloco de Esquerda, diz achar "o debate parlamentar

uma mera análise", que embora seja importante se mostrará "inconclusiva". Louçã lembra ainda que o Bloco propôs a criação de uma comissão parlamentar para acompanhamento de seca em Portugal, mas que essa proposta foi rejeitada pelo PS, que colocou este assunto a ser tratado pela Comissão de Desenvolvimento Regional.

Por sua vez, a dirigente nacional do Partido Ecologista "Os Verdes", Manuela Cunha, também considera que a discussão parlamentar ao tema "é extremamente importante", embora lembre que se sabe desde há muito "que as alterações climáticas vão ter consequências graves no país". Manuela Cunha ressalva ainda que "estão a ser dadas algumas respostas interessantes", mas que são "necessárias medidas a médio e longo prazo", tais como a poupança dos recursos em geral e a reflorestação.

A CABRA não conseguiu obter, até ao fecho desta edição, a posição do PCP sobre o tema.

10 INTERNACIONAL



Eleições para o parlamento britânico decorrem quinta-feira. Sondagens dão vitória ao actual primeiro-ministro britânico

Blair favorito em Inglaterra

O líder trabalhista lidera as sondagens para as eleições de quinta-feira

A questão iraquiana é a principal acusação ao candidato trabalhista mas mantém-se a discussão à volta das bandeiras eleitorais

Marília Frias

Realizam-se na próxima quinta-feira as eleições legislativas que podem conduzir Tony Blair ao terceiro mandato enquanto primeiro-ministro britânico. Estas decorrem exactamente um mês depois de Blair ter feito a sua convocação e dissolvido o parlamento.

Com a campanha eleitoral a decorrer nas passadas semanas, a guerra do Iraque tem estado no centro da discussão pública, já que o actual primeiro-ministro do Reino Unido e candidato pelo Partido Trabalhista tem sofrido fortes ataques à sua integridade moral devido à actuação face ao conflito no Iraque. Tanto os conservadores (de direita) liderados por Michael Howard, como os liberais democratas (de esquerda), comandados por Charles Kennedy, acusaram o primeiro-ministro britânico de ter

mentido sobre os verdadeiros motivos da invasão. Os conservadores argumentam mesmo que se Blair "pode mentir para levar à guerra também pode mentir para ganhar uma eleição".

A discussão agudizou-se na semana passada, quando foram tornados públicos excertos de um parecer confidencial do procurador-geral Peter Goldsmith, que levanta dúvidas sobre a legalidade de uma intervenção armada no Iraque. Face a estas acusações, no passado dia 28, o governo britânico decidiu divulgar o parecer jurídico confidencial que lhe havia sido dado a conhecer a 7 de Março de 2003 (a menos de duas semanas do início do conflito iraquiano). Neste parecer, o procurador-geral avisava Blair da possibilidade de a invasão do Iraque vir a ser considerada ilegal. Refere-se também a hipótese de a Inglaterra vir a perder num tribunal internacional no caso de ser chamada a julgamento por causa desta intervenção armada. Este relatório sugere ainda que a possibilidade de justificar um conflito armado no Iraque apenas com a resolução 1441 da ONU só seria viável no caso do aparecimento de fortes provas quanto à violação das obrigações

de desarmamento por parte do Iraque.

No mesmo dia da apresentação do parecer, Hans Blix, chefe dos inspectores das Nações Unidas que foram para o Iraque avaliar o cumprimento da decisão de desarmamento, declarou que o Iraque tinha progredido substancialmente na destruição dos mísseis de longo alcance e que não havia encontrado nenhuma prova da existência de armas biológicas ou químicas. Todavia, este parecer não vai ao encontro da posição assumida por Lord Goldsmith perante o Parlamento, dez dias mais tarde, onde declarou a legalidade de intervenção armada no Iraque.

Blair centra-se na economia

Perante os ataques sofridos devido à questão iraquiana, Tony Blair tenta desviar a discussão eleitoral para a economia inglesa. Ao mesmo tempo, conservadores e liberais democratas parecem ter também deslocado a atenção da questão do Iraque para as medidas defendidas pelos respectivos partidos.

O partido trabalhista, no seu programa eleitoral apresentado a 13 de Abril, promete aumentar o investimento nas escolas e hospi-

tais sem recorrer ao aumento dos impostos sobre o rendimento. Garante ainda que o pagamento do IVA não seria alargado aos produtos de alimentação, às roupas de criança, livros, jornais ou às tarifas dos transportes públicos. Mas não descarta a possibilidade do aumento das contribuições para a segurança social.

Os conservadores, maior partido da oposição, defendem cinco medidas principais: a descida dos impostos mantendo o mesmo nível de gastos públicos através de aproveitamento dos "desperdícios" orçamentais do Estado, controlo da imigração, mais polícia e disciplina escolar e hospitais mais limpos.

Do outro lado, os liberais democratas, que apresentaram o seu manifesto eleitoral um dia depois dos trabalhistas, defendem apoio gratuito a idosos, impostos municipais e a retirada das tropas britânicas do Iraque, uma vez que sempre se manifestaram contra a guerra no Iraque, ao contrário dos trabalhistas e dos conservadores.

Apesar da desconfiança gerada à volta da questão iraquiana, e quando faltam apenas dois dias para a realização do escrutínio, Tony Blair continua à frente nas sondagens.

Timorenses protestam nova lei

Sandra Ferreira
Marisa Soares

Milhares de católicos mantêm-se concentrados na cidade de Díli, capital de Timor-Leste, reclamando a demissão do primeiro-ministro, Mari Alkatiri, um muçulmano de ascendência iemenita. Esta é uma manifestação de protesto contra a decisão do governo timorense de tornar o ensino religioso facultativo nas escolas. Contudo, o executivo de Mari Alkatiri mantém-se firme nos seus propósitos de levar em frente este projecto.

A lei aprovada em parlamento diz respeito ao fim da obrigatoriedade do ensino de Religião e Moral nas escolas timorenses e provocou reacções negativas na população do país, maioritariamente católica. Auto-proclamando-se defensores dos interesses do povo, os bispos D. Alberto Ricardo da Silva e D. Basílio do Nascimento enviaram uma carta ao presidente do Parlamento, Francisco Guterres, exigindo a "imediata remoção" do Governo.

O que começou por ser apenas um movimento de contestação religiosa transformou-se num protesto contra a política de Mari Alkatiri, responsável, segundo a Igreja Católica de Timor-Leste, pela desfavorável "situação social, económica e política" que o país atravessa. De acordo com a Igreja local, "os cidadãos deste país não se identificam com o modelo de sociedade que este Governo quer impor", classificando o regime como uma "democracia marxista de modelo chinês ou terceiro-mundista".

O presidente de Timor-Leste, Xanana Gusmão, já veio afirmar que estas manifestações são um sinal de que o país vive num sistema democrático, mas criticou os manifestantes por pedirem a demissão de Alkatiri. Gusmão diz ainda acreditar que a Igreja é responsável pelos movimentos de contestação, e afirma que esta instituição está a envolver-se em questões que se encontram fora da sua competência.

Por sua vez, o presidente do Parlamento e da Fretilin, Francisco Guterres, já defendeu ser "necessário que o Governo e a Igreja mantenham um diálogo, em busca de soluções para as preocupações dos bispos e das massas". No entanto, apesar de o Governo se mostrar disponível para encetar "um verdadeiro diálogo construtivo" com os representantes eclesiais, estes rejeitam essa possibilidade, estando apenas dispostos a discutir com o Parlamento e com a Fretilin.

Entretanto, o primeiro-ministro Mari Alkatiri anunciou publicamente que a lei alvo de protesto manter-se-á em vigor até ao final do ano lectivo e que a hipótese de demissão do executivo está posta de lado. Ainda assim, até ao fecho desta edição, os milhares de manifestantes não haviam abandonado a zona que circunda o Palácio do Governo, onde estão concentrados desde há cerca de duas semanas, apesar de nos últimos dias ter havido uma ténue aproximação entre as partes discordantes, graças à intervenção de Xanana Gusmão.

Governo quer facilitar acesso a verbas para investigação

Despacho abre portas à desburocratização do financiamento

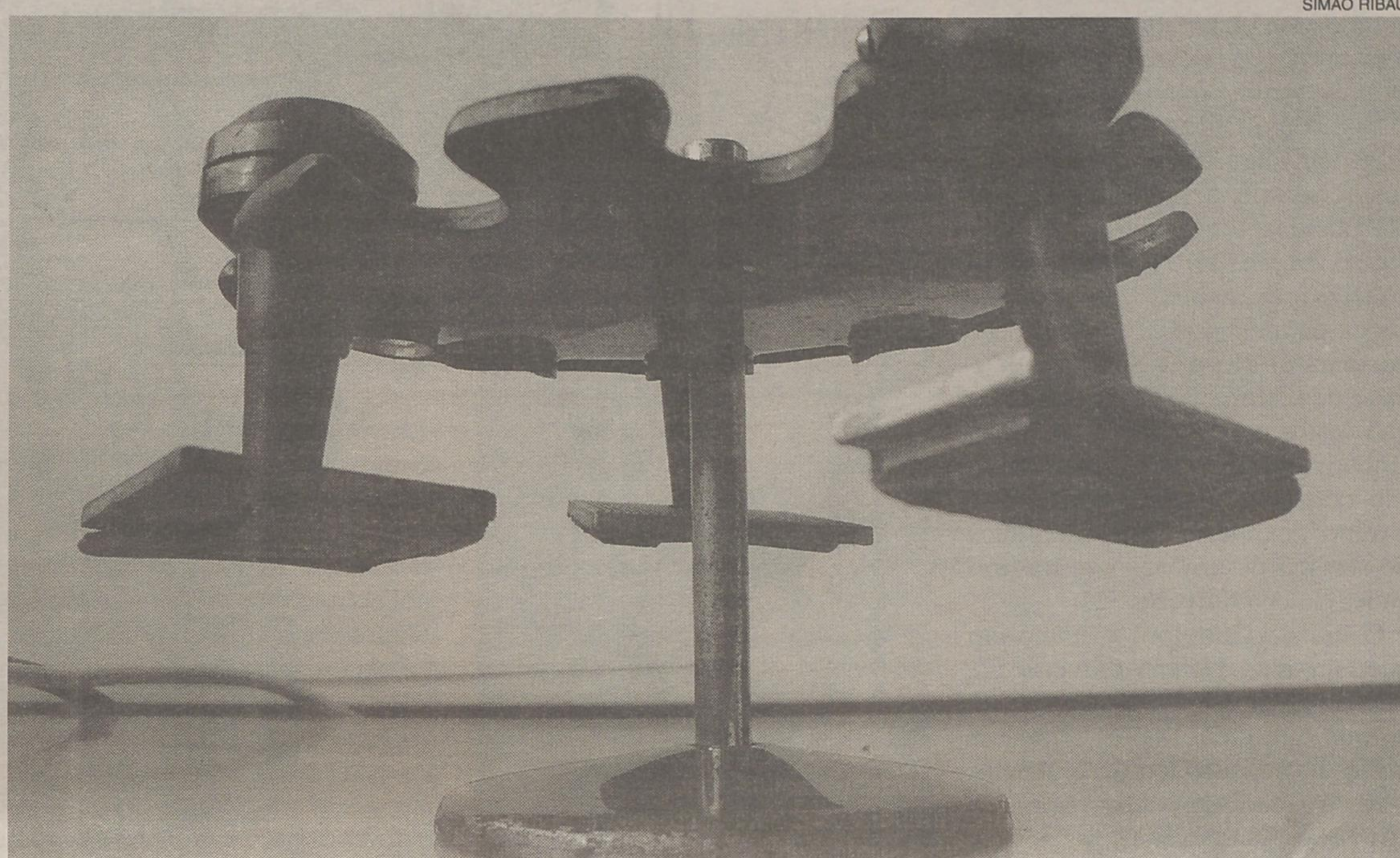
Grupo do trabalho formado pelo ministério estuda formas de fazer com que apoios para investigadores na área da tecnologia e ciência sejam obtidos de forma mais rápida e simples

Carla Santos

O ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, assinou no dia 11 um despacho que visa a desburocratização da gestão dos projectos de ciência e tecnologia financiados pelo Quadro Comunitário de Apoio (QCA).

O QCA é um programa europeu destinado a financiar programas de desenvolvimento em Portugal, com duração de seis anos. O sistema começou a funcionar em 2000. Este programa contempla 18 áreas, entre as quais a Saúde, Educação, Emprego, Formação e Desenvolvimento Social, Sociedade da Informação e Ciência e Tecnologia, entre outras.

O despacho emitido por Mariano Gago pretende que tanto instituições que queiram apostar na investigação como investigadores tenham um acesso mais rápido e imediato aos projectos de financiamento. O processo costuma ser moroso pelos diferentes tipos



SIMÃO RIBAU

Menos burocracia no acesso a fundos para investigação é um dos objectivos da tutela de Mariano Gago

de apoios que financiam o Programa Operacional Ciência e Inovação (o programa do QCA destinado à área da Tecnologia e Ciência).

As medidas para a desburocratização do acesso aos fundos do Quadro Comunitário de Apoio na áreas científica e tecnológica estão a ser estudadas por um grupo de cientistas nomeados no despacho. O grupo de trabalho é encabeçado pelo Secretário do Conselho dos Laboratórios Associados,

João Sintieiro, auxiliado por Susana Faria, Ana Fonseca, Isabel Matalonga e Emília Moura. Até 15 de Maio a comissão de trabalho tem de apresentar um relatório final com soluções que visem o desimpedimento do acesso às verbas para apoio a projectos.

Esta iniciativa do ministério vem na sequência de um dos objectivos do actual executivo, que é a aceleração do desenvolvimento científico e tecnológico. Por outro lado, procura respon-

der às críticas por parte da comunidade científica, que afirma que os obstáculos e dificuldades na atribuição de financiamento para a investigação científica e tecnológica representam uma perda de tempo e recursos que se espelham no atraso do desenvolvimento do país. Um dos objectivos finais será o de tornar o apoio à Investigação & Desenvolvimento mais moderno e de fácil alcance para os investigadores.

Grupo analisa plano de inovação

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior nomeou um grupo de trabalho que deverá apresentar, até Junho, uma análise ao documento "Bases para um plano nacional de inovação", que foi publicado pelo Governo em Fevereiro.

O objectivo desta comissão, de acordo com comunicado do ministério, é "analisar a forma e conteúdo do documento e apresentar recomendações para o desenvolvimento de uma estratégia de valorização de ciência e tecnologia para Portugal", que siga as linhas orientadoras do Programa do Governo.

Uma das questões que deverá merecer a atenção do grupo de trabalho, presidido por Francisco Veloso, prende-se com a "função do papel estratégico que um plano nacional sobre ciência e inovação pode assumir, nomeadamente sobre o modo de considerar os moldes de intervenção do Estado na promoção da inovação". Por outro lado, o contexto europeu deverá ser um factor a ter em conta no delinear de uma estratégia de inovação. JP

Comité Nobel em Coimbra

O simpósio que atribuirá posteriormente o Prémio Nobel da Química está a decorrer em Coimbra. O galardão poderá ser um dos dez cientistas portugueses que vão participar no evento

Sandra Pereira

A primeira reunião do Comité Nobel para a Química decorre este ano no Hotel D. Luís, em Coimbra. Os trabalhos começaram no sábado, depois de uma sessão de abertura, onde esteve o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, e terminam amanhã. Esta é a primeira vez que o evento se realiza fora da Suécia.

Para além dos trabalhos que conduzem à escolha do Nobel, o evento tem também como objectivo contribuir para modificar a "imagem negativa" que a Química tem hoje na sociedade, explicou sábado em conferência de imprensa o presidente cessante do Comité Nobel para a Química, Bengt Nordén.

A reunião conta com a presença de 60 cientistas, dos quais dez são portugueses.

Subordinado ao tema "A essencialidade da função biomolecular: ácidos nucleicos, proteínas e membranas", vários investigadores internacionalmente reconhecidos e jovens promissores têm discutido trabalhos em curso e futuras parcerias. Este workshop Nobel, que reúne os candidatos ao prémio, é organizado pelo Comité Nobel para a Química e pela Universidade de Coimbra através do departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

A reunião realiza-se este ano em Coimbra graças à colaboração que um sócio da Academia Real de Ciências Sueca e docente no departamento de Química, Bjorn Lindman, tem desenvolvido com Maria da Graça Miguel, também do departamento de Química, num projecto de investigação na área dos colóides. Håkan Wennerström, presidente do Comité, explicou que as circunstâncias eram "as adequadas" para que fosse a Universidade de Coimbra acolher a reunião.

Desde 1901, o Prémio Nobel para a Química é atribuído pela Fundação Nobel, através da academia sueca. O Comité Nobel para a Química selecciona os candidatos entre os cientistas nomeados que posteriormente são apresentados à academia. O cientista vencedor é anunciado anualmente em meados de Outubro.

Joelho inteligente nos HUC

Um joelho capaz de se adaptar aos diferentes tipos de marcha foi aplicado nos Hospitais da Universidade de Coimbra. Os médicos têm estado atentos aos desenvolvimentos

Sandra Camelo
Wnurinham Silva

Os Hospitais da Universidade de Coimbra estão a seguir o processo de utilização de uma prótese inteligente, aplicada em Fevereiro. A experiência, pioneira na Península Ibérica, está a ser feita por um jovem de 24 anos que sofreu uma amputação de um membro inferior e que é utente dos HUC.

Fabricada pela empresa islandesa Ossur, mas apresentada pelo Serviço de Medicina Física e Reabilitação dos HUC, a prótese Rheo é submetida a uma adaptação constante e possibilita aos seus utilizadores uma locomoção o mais aproximada possível da natural. Ao receber, cinco segundos antes, os impulsos do membro inferior bom, a prótese reage quase de imediato e tem a capacidade de se adaptar ao tipo de marcha e de

subir e descer escadas normalmente.

Todo o processo de locomoção, que era desempenhado pelos músculos, é agora realizado pelo fluído electromagnético, o qual é comandado por um microprocessador que se encontra ligado ao membro remanescente. Este novo projecto, na perspectiva de responsáveis mais directos, está a ser acompanhado com grandes expectativas. O director do Serviço de Medicina Física e Reabilitação, Luís André, afirmou à Lusa que pretendem "acompanhar a evolução desta nova tecnologia para tirar todo o partido da prótese".

Apesar dos benefícios deste joelho artificial, destacam-se alguns inconvenientes, por exemplo ao nível económico. A comercialização iniciou-se no ano passado nos Estados Unidos da América e em alguns países da Europa e ronda os 25 mil euros. Face a este problema, que pode impedir vários doentes de acederem a esta prótese, Luís André explicou que perante este obstáculo "a principal preocupação é que os doentes não deixem de ter a sua ajuda técnica". O responsável frisou: "Temos de estudar bem as situações para que a qualidade chegue a todos", embora os fundos atribuídos pelo Estado para o financiamento das próteses sejam "sempre escassos".

Muito para além das Noites do Parque...

Com início marcado para a próxima quinta-feira, a Queima da Fitas é ainda um universo por desvendar.

Para muitos, resume-se às agitadas Noites do Parque, para outros é um meio de subsistência.

A CABRA foi à procura de algumas vertentes mais escondidas e esquecidas da maior festa académica do país

Por Ana Bela Ferreira e Diana do Mar (texto) e Rui Velindro (fotos)

Para o público em geral falar em Queima das Fitas é falar da festa e da diversão, que as longas noites no Parque da Canção prometem oferecer a quem se decidir passear por lá. No entanto, um olhar mais atento permite descortinar todo um universo de preparativos e actividades profissionais que lhe estão ligadas de forma directa e lhe conferem a mística que a Queima da Fitas possui e que não passa despercebida. Existem, ainda, aqueles que zelam para que participantes se divirtam e em segurança, fazendo a estranha ponte entre a diversão e as consequências que, às vezes, daí advêm.

Uma das actividades inerentes à festa académica é a do cartoonista que se encarrega de ilustrar aqueles para quem e por quem a Queima acontece. Carlos Santos, cartoonista de livros de curso pela altura da festa académica, recorda o seu tempo de estudante e encara a Queima das Fitas como “um momento particularmente importante” para a comunidade universitária. Segundo ele, os estudantes vêem a festa como “o culminar de todo um processo de trabalho, como uma vitória” e a Queima encerra-se como o escape encontrado por muitos “depois de tanto tempo de estudo”.

A Queima da Fitas enquanto festa envolve-se com a própria cidade e acaba por afectar o comércio que a rodeia. Esta é a opinião do vereador da cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Mário Nunes, que realça o “benefício comercial” que daí deriva para todas as áreas. Estes festejos são encarados por Mário Nunes como “uma forma cultural e social de grande envergadura”, que surge sempre com uma “amplitude enorme que só milhares de jovens conseguem fomentar”, esclarece.

É quase tradição as escolas de Coimbra encerrarem no dia do Cortejo. O vereador da Cultura explica este facto lembrando que “os universitários invadiam as escolas para que todos pudessem participar no Cortejo”. Esta era, então, “uma maneira de mostrar ao público em geral o ambiente universitário, com o objectivo de os cativar para a vida universitária”, conclui.

Como é melhor prevenir do que remediar, para controlar os excessos e garantir a saúde dos menos afortunados, a supervisão de equipas de socorro por entre capas e batinas é, pois, natural e obrigatória. Os casos mais graves são conduzidos para os Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), uma vez que “estes não trabalham no local, embora mantenham uma coordenação constante com as equipas no terreno”, explica a directora clínica do serviço de urgências desta unidade, Helena Oliveira Sá.

O dia do Cortejo é o único em que, segundo Helena Oliveira Sá, “é hábito preparar as urgências, porque há uma maior afluência nesse dia”. O serviço de urgências oferece áreas reservadas para acolher os estudantes com as os problemas mais comuns desta época: etilismo agudo, feridos por cortes de vidros, quedas, hipoglicémia, desidratação, entre outras. Contudo, a directora clínica das urgências dos HUC ressalva que “não há necessidade de reforçar as equipas, mas normalmente destina-se uma área para receber esse tipo de situação”. Numa avaliação geral, a clínica garante que “este é um dia em que há um aumento de afluência, mas, depois de algumas horas, a situação fica normalizada”. Quanto aos restantes dias em que decorre a Queima das Fitas, Helena Oliveira



Sá afirma que não se registam diferenças de afluência significativas.

A inter-relação de todos estes aspectos em redor da maior festa académica do país comprova essa dimensão. Serve ainda como elo de ligação entre a comunidade universitária e a população civil, onde o benefício é de todos: os estudantes oferecem à cidade uma festa ímpar e esta disponibiliza os meios para a realização e manutenção do sucesso dos festejos.

Os estudantes vivem durante a semana da Queima das Fitas um ambiente de celebração que os obriga a viver ao contrário da sua rotina (do outro lado do rio e durante a noite), mas que lhes permite, mais do que em qualquer outra época do ano, partilhar esse ambiente com toda a cidade.

Por isso, o melhor modo de entender o fenómeno “Queima da Fitas” é compará-lo a “um momento grandioso para a cidade e para a universidade a todos os níveis” reconhece o vereador Mário Nunes.

Os sons da Queima

Coimbra entra em contagem decrescente para o início da festa mais aguardada pelos estudantes: as Noites do Parque, que decorrem entre os dias 6 e 13 de Maio. Já só faltam dois dias para a noite mais tradicional deste período, a noite da Serenata Monumental. Depois de caladas as vozes, os estudantes vagueiam, pela última vez durante uma semana, entre os convívios da margem direita.

À sua espera, no outro lado do rio, têm uma série de nomes sonantes do panorama musical nacional e internacional. Desta feita, Eagle-Eye Cherry, um dos pais da chamada “world music”, inaugura o

palco principal do Parque da Canção, seguindo-se Mao e Pluto.

5ª Punkada, As Fans & Convidados entre outros conhecidos do meio rock de Coimbra abrem as sonoridades do Palco RUC. A noite encerra com a presença de d30 e The Parkinsons.

No dia seguinte, a cabeça de cartaz é o brasileiro Milton Nascimento, enquanto que os Faithful e os Blind Zero preenchem o resto da noite no palco principal. O palco RUC, por outro lado, oferece uma selecção dos melhores anúncios com o “Publi Fordock”, o maior festival internacional do país. Responsáveis pelas sonoridades estão os Supra Heat Surrenders e os Bunynranch.

Já na noite dedicada aos amantes de electrónica, o parque recebe David Alvarado, Vasco Fortes e Pete Tha Zouk no cenário principal. No outro palco, a noite começa por pintar-se com imagens através de uma selecção de curtas-metragens de animação dos “Caminhos do Cinema Português”. Nuno Prata e Supernada garantem a assistência com uma amostra de boas notas musicais.

Alanis Morissette protagoniza o início da semana actuando depois das bandas portuguesas: Blister e Squeeze Theeze Please que tocam os primeiros acordes de segunda-feira à noite. O palco alternativo, à semelhança da noite anterior, reservou, ainda, um espaço para a música nacional, cabendo aos Boitezuleika e à banda criada no seio do Teatro Académico da Universidade de Coimbra, os Rags Time, fechar a noite.

Aquele que será o dia mais longo dos estudantes da Universidade de Coimbra abre com os Meidin e

com a cantora popular Cláudisabel e despede-se com o “imperdível” Quim Barreiros. Já no palco RUC, a aquecer os ânimos estarão António Olaio & João Taborda e os 1-Uik Project.

Por sua vez, na quarta-feira, os estudantes podem usufruir de uma noite marcada por bandas nacionais. No palco principal actua Micro Audio Waves, Blasted Mechanism e os Da Weasel. Os “Caminhos do Cinema Português” voltam a invadir o palco RUC, seguindo-se Dead Combo e, por fim, Danae, uma cantora africana, que já experienciou o outro lado do palco enquanto estudante de Coimbra.

Já com um aroma de despedida na penúltima noite podemos contar com os Factor Activo, que lançaram este ano o primeiro disco de originais, Fuse e Bullet, no palco secundário. No espaço principal, é projectado o som de Ashfield, Clã e Cake.

Cansados e invadidos pela antecipada saudade, os estudantes e os restantes visitantes do Parque dizem adeus às noites do Parque ao som de A Jigsaw, Terrakota e Pedro Abrunhosa. O público que optar por um espectáculo mais intimista poderá assistir à peça “Ibéria, a louca história de uma península”, do Teatro Peripécia de Macedo de Cavaleiros. A sonoridade fica entregue à responsabilidade de Juan Santos y Sus Muchachos, Joane & o Amendoim Saltitante e dos Tu Metes Nojo.

Para além das bandas de renome, todas as noites encerram ao som dos acordes da tradição académica protagonizados pelas tunas que oferecem um espectáculo de estudantes para estudantes.



O outro lado da Queima

Muito antes de a música se ouvir na margem esquerda do Mondego durante as oito Noites do Parque, já outras actividades ocorreram, também a pensar nos estudantes. A Comissão da Queima das Fitas desenvolve todos os anos um programa cultural e um desportivo

Durante a segunda quinzena do mês de Março arrancaram as acções integradas nestes programas, sendo que o cultural abriu o cartaz com um teatro, que teve lugar na Escola Secundária José Falcão, enquanto que o desportivo lançou o “Campo Montanha” na Pampilhosa da Serra.

No que diz respeito ao programa cultural, o comissário responsável, Ricardo Calado, salienta como uma das principais actividades o tributo a Carlos Paredes, que decorreu no passado dia 24 de Abril, no convento de S. Francisco. Para além desta, Ricardo Calado recorda o ciclo de palestras que percorreu todas as faculdades e que obteve “uma boa adesão”.

A mais valia desta iniciativa foi, para o responsável, o facto de haver a possibilidade de “variar o nível de interesse de acordo com cada faculdade”, explica. Festivais de teatro e

concertos de música, entre outras actividades, tomaram de assalto a Alta da cidade, incitando os estudantes a participar.

No entanto, Ricardo Calado lembra a dificuldade em organizar actividades e em cativar os estudantes, nesta época do ano, na medida em que “estão a decorrer inúmeras actividades proporcionadas por todas as secções”.

O comissário da Cultura adianta que o programa, em princípio, se deve prolongar até Fevereiro com a realização de uma exposição sobre a história da Queima das Fitas patente no Museu Académico de Coimbra, a partir de 15 de Junho.

Por outro lado, o ex-libris do programa desportivo foi a XXIII Regata Internacional, que se realizou no sábado, e cumpriu o objectivo inicial de alcançar as mil inscrições. Deste modo, o comissário de desporto, Eduardo Gonçalves, faz um balanço positivo de todas as actividades realizadas até agora.

A justificação apontada pelo responsável para o nível de participação atingido passa pela variedade de práticas desportivas, bem como pelos preços convidativos a todo o tipo de bolsa. Segundo Eduardo Gonçalves, “algumas destas actividades excederam o limite de inscrição”, por isso, foi necessário “recusar inscrições” em algumas circunstâncias.

O programa desportivo entra em campo pela última vez, nesta edição, a 27 de Agosto, data em que finda o University Ladies Open. O comissário espera, até lá, conseguir

manter “a qualidade das práticas desportivas que conduzem a bons resultados”.

Neste sentido, o pelouro cultural e o desportivo apostaram na divulgação, embora reconheçam que esta

também conheceu falhas. Para colmatar este facto, Ricardo Calado, refere a importância de promover as actividades desde o seu início, ao contrário do que se processava em anos anteriores.

Mais do que uma alternativa, estas iniciativas pretendem ser um complemento às noites de música e diversão do Parque para aqueles que, durante esta altura, teimam em viver de dia.



Onde param os estudantes?

Os preparativos para a grande festa académica já se fazem sentir por toda a cidade.

Os estudantes vão às aulas e retiram os últimos apontamentos antes da semana “sabática”. É tempo de diversão, depois vêm os exames...

Nas ruas da cidade já é visível, através dos inúmeros cartazes fixados, que os programas cultural e desportivo da Queima das Fitas estão em marcha. Desta feita, importa saber se os estudantes estão a par das actividades e se tomam parte nas mesmas. As iniciativas promovidas por estes programas já tiveram início e os respectivos comissários garantem que estes se têm revelado “um sucesso” ao nível da adesão por parte dos estudantes.

No entanto, para a grande maioria dos universitários conimbricenses a participação nas Noites do Parque são o único contributo para o sucesso dos programas que por estes dias animam a cidade. Este facto não é sinónimo de falta de divulgação. Pelo contrário, diz, Nuno Rosário, estudante de Quí-

mica: “Tenho visto bastante divulgação, mas não tenho interesse”, justifica.

Na opinião de Corianne Rocha, estudante de Estudos Portugueses, “a divulgação até podia ser maior”, mas os estudantes “também podiam aderir mais”. Corianne acrescenta ainda que “essa é a obrigação dos estudantes”, uma vez que as comissões organizadoras “se esforçam” para proporcionar estas actividades à comunidade estudantil.

Entre a grande massa estudantil encontramos casos como o de José Luís, que integra a Tuna de Me-

dicina de Coimbra. Devido a essa condição estes estudantes acabam por conhecer e participar em outras actividades fora do perímetro do Parque da Canção. José Luís Sá confirma-o, referindo que vai participar no Sarau da Queima das Fitas, que está incluído no programa cultural da Queima. O estudante não esconde, contudo, que para além do Sarau só costuma frequentar as Noites do Parque. No entanto, os dados avançados pelas comissões organizadoras dos programas desportivo e cultural da revelam níveis de adesão “bastante bons”.



14 DESPORTO

Futsal afastado da subida

Derrota com Junqueira põe fim ao sonho da primeira divisão

Num encontro emotivo, os “estudantes” perderam por 8-5, caindo na penúltima jornada do campeonato da segunda divisão da série A

João Campos
Diana do Mar

No passado sábado, a Académica deslocou-se a Santa Cruz do Bispo, em Matosinhos, para defrontar o Junqueira. Francisco Batista optou por um cinco inicial composto por Gouveia, Zito, Rui Moreira, Tiago Teixeira e Luisinho.

Os “estudantes” entraram melhor na partida e, aos três minutos, inauguraram o marcador com Luisinho a empurrar a bola para a baliza, a passe de Tiago Teixeira. De seguida, o mesmo jogador podia ter dilatado a vantagem, mas o remate foi à rede lateral.

No minuto seguinte, e depois da Mancha Negra ter entrado no pavilhão, o Junqueira igualou por Hugo, após centro da esquerda. A partir daqui, o jogo tornou-se muito tático com as defesas a não darem espaços. Destaque, apenas, para um remate de Rui Moreira, que o guarda-redes Cunha defendeu bem.

O minuto quinze da primeira parte revelou-se decisivo com a equipa da casa a obter dois golos, ambos por Costa. O primeiro num remate cruzado e o segundo após um rápido contra-ataque, colocando o resultado em 3-1.

Dois minutos volvidos, a Briosa reagiu: primeiro Luisinho obriga Cunha a aplicar-se e, logo de seguida, o número dez academista marca mesmo com um desvio de cabeça, a remate de João Filipe. Este tento animou os “estudantes”, que no minuto seguinte, restabeleceram a igualdade.



A derrota em Matosinhos “deitou por terra” as aspirações da Académica em subir de divisão

Luisinho, depois de conquistar a bola na defesa adversária fez o “hat-trick”. Nesta fase, o atacante academista viu ainda ser-lhe anulado um golo por suposta falta. No último minuto do primeiro tempo, o Junqueira volta à vantagem, novamente por Hugo, que a passe de Rique, colocou o marcador em 4-3 ao intervalo.

A segunda parte abre com o golo do empate, através de Pichel que, assistido por João Filipe, não falha. A formação do norte reage, logo de seguida, por Rique que, apesar de não concretizar o primeiro remate, acabou por marcar no lance seguinte: 5-4.

A Académica procura a igualdade com Pichel a desperdiçar duas oportunidades de concretizar, mas é o Junqueira que marca, através de Hugo. Os “estudantes” continuam a demonstrar vontade de vencer, mas Luisinho deita por terra duas oportunidades de golo entre os cinco e sete minutos. De seguida, Luisinho

acaba por fazer o quarto golo da sua conta pessoal, e o quinto da Briosa, reduzindo para 6-5.

Os pupilos de Francisco Batista vão à procura do empate, mas Batalha e Luisinho não conseguem “furar” a bem organizada defesa matosinhense. Aos onze minutos, duro revés para os “estudantes”: em contra-ataque Rique serve Maria, que faz o 7-5.

A Académica tenta desesperadamente inverter este resultado, mas em vão. Luisinho faz ainda um remate, que rasa a baliza defendida por Cunha. A três minutos do fim, Bruno Benedito desperdiça a última oportunidade de marcar. De seguida, e aproveitando o adiantamento de Gouveia, Costa faz o seu terceiro golo, fechando o marcador em 8-5.

Com este resultado, os “estudantes” dizem adeus à subida de divisão. No próximo fim de semana, a Académica acaba o campeonato recebendo a formação do Mocidade d'Arrábida.

Um percurso quase perfeito

Vinda da terceira divisão a Académica teve um início algo irregular somando três derrotas nas primeiras seis jornadas. Na oitava ronda, após vencer a Gafanha por 5-0, a Briosa entrou numa série de bons resultados, onde se destacou a vitória sobre o candidato à subida, Coimbra. No final da primeira volta, ocupavam o sexto lugar.

Na segunda volta, os “estudantes” tiveram um percurso quase cem por cento eficaz, com dez vitórias e apenas duas derrotas, sendo a última, no passado sábado, crucial para que a Briosa não cumprisse o seu objectivo de subir.

Académica a um ponto da manutenção

Em jogo a contar para a 31ª jornada da Superliga, a Académica deu um grande passo para a manutenção, ao bater o Boavista por uma bola a zero

Pedro Galinha
Rafael Pereira

Num estádio entusiástico, foram mais de doze mil os espectadores que assistiram ao 11º jogo sem perder da Briosa, que, deste modo, estabeleceu o recorde de mais jogos a somar pontos neste campeonato.

Na primeira parte, raras foram as

oportunidades em que ambas as equipas poderiam ter aberto o activo. Destacam-se os remates de longa distância da equipa axadrezada que, no entanto, se revelaram infrutíferos, pois o guardião Pedro Roma mostrou-se muito seguro. Ao invés, muitos foram os lances da Briosa que causaram calafrios ao guarda-redes da equipa do Bessa.

No seguimento de um livre, o defesa conimbricense Zé Castro poderia ter marcado, após cabeceamento forte. Se esta oportunidade não foi concretizada, já na segunda ocasião de golo, Luciano não desperdiçou e, depois de um primeiro remate do capitão da Briosa Paulo Adriano, o brasileiro da Académica marcou o único golo da partida.

Na segunda metade da partida, o

jogo não se mostrou muito mais interessante, isto apesar do Boavista ter exercido um controlo de bola mais acentuado. Na verdade, Hugo Almeida, que havia entrado aos 52 minutos, dispôs de duas ocasiões soberanas para empatar a partida. Contudo, o avançado emprestado pelo FC Porto não conseguiu concretizar as oportunidades.

Na sala de imprensa, Jaime Pacheco (que acabou por se demitir no sábado) mostrou-se “triste e desolado”, apesar de, na sua perspectiva, o Boavista ter sido uma “das grandes equipas a passar por Coimbra”. Enfatizando a excelente participação dos adeptos da Briosa, o treinador axadrezado afirmou que a Académica parecia estar a jogar para o título, comparando, assim, o fraco apoio

que a massa associativa tem mostrado à sua equipa.

Nelo Vingada surgiu com um discurso conciso, que relevou o carácter obreiro dos seus jogadores que são os “principais responsáveis” pelo bom momento que a equipa tem vindo a atravessar. Afirmou, também: “Haja o que houver, do ponto de vista matemático não obteremos, nesta jornada, a tranquilidade nem quaisquer certezas relativamente à permanência”.

Desde que Nelo Vingada está ao comando da Académica, esta obteve 24 pontos, que se revelaram cruciais para a tranquilidade na Superliga. No próximo jogo, a Académica viaja até Aveiro, onde o empate basta para garantir a manutenção, frente ao aflito Beira-Mar.

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

Foi Quem?

“A promiscuidade entre jornalistas e agentes desportivos existe, ou, pelo menos, existe a suspeita de existir”

Não deixa de ser estranho que os jornais desportivos e toda a imprensa desportiva passe ao lado de toda a polémica em redor do processo judicial “apito dourado”.

Não houve investigação paralela, as notícias são dadas timidamente, enfim, parece que tudo não passa de um pormenor sem importância, ao lado daquilo que realmente interessa que é... Que é o quê?

Se olharmos para as notícias desportivas, reparamos que estas padecem de um mal geral, levado ao extremo neste campo: as fontes são todas anónimas.

Isto significa que a promiscuidade entre jornalistas e agentes desportivos existe, ou, pelo menos, existe a suspeita de existir.

No futebol, essa promiscuidade com o poder muitas vezes é confundida com apoio clubístico do repórter. Quantas vezes já não dissemos que este ou aquele órgão, este ou aquele jornalista é do Porto, do Sporting ou do Benfica?

Mas, excluídas as notáveis excepções que dão o corpo ao manifesto, a regra é a subserviência ao poder. A regra é viverem agachados perante quem manda, que é quem lhes dá as notícias, as “caixas”, enfim, o ganha pão.

E para isso, basta reparar, mesmo que apenas sociologicamente, para o exemplo do último Estoril-Benfica.

Todos disseram que a mudança do local do jogo para o Algarve era regulamentar. Podia até nem ser ético, mas caramba, quantos exemplos não houve no passado, etc., mas regulamentar, lá isso era.

A verdade porém é mais cruel, pois o regulamento das competições profissionais da Liga de clubes não o permite. Este regulamento é claro quando refere como causa de mudança do local do jogo apenas e só quando haja uma impossibilidade de utilização do seu estádio. É o art. 41º do referido regulamento e pode ser consultado na página oficial na internet da Liga de Clubes.

Então como explicar a unanimidade em torno da propalada legalidade da alteração?

Como explicar que não se tenha dito que a mudança não era regulamentar e não se tenha exigido ao director executivo da Liga que explicasse porque é que a alteração foi permitida?

Em vez de toda a polémica estéril, talvez esta questão fosse importante...

Importante, importante, foi a ajuda divina que esteve na base do resultado final nesse jogo. Divina? Pois sim...

Xadrezistas internacionais vencem Open da Queima



FRANCISCA MOREIRA

Modalidade com poucos adeptos mostra-se no Open da Queima 2005

Num dos anos mais competitivos de sempre, o "Open da Queima 2005" trouxe a Coimbra mais de uma centena de jogadores

**Bruno Gonçalves
Ana Maria Oliveira**

O Open da Queima acolhe todos os anos das maiores concentrações de xadrezistas em Coimbra. Este ano, o evento, que decorreu no fim de semana passado, foi classificado pela organização como um dos mais fortes de sempre.

Em competição estiveram vários jogadores internacionais. O open acabou por ser vencido pelo grande

mestre canadiano Kevin Spraggett, seguindo-se na classificação o checo Petr Velicka, treinador da Secção de Xadrez da Associação Académica de Coimbra e vencedor da edição anterior. António Fernandes, o melhor português no torneio, conseguiu o último lugar do pódio. A Académica destacou-se ao ser a melhor equipa.

No Open da Queima compete-se em partidas semi-rápidas de 20 minutos, onde cada jogador dispõe de 20 minutos para completar o seu jogo. Vence quem fizer xeque-mate ou jogue até que esgote o tempo do adversário. O torneio disputou-se em oito sessões, sendo que, por cada vitória é atribuído um ponto ao jogador, e meio ponto por empate.

A participação na prova estava aberta a qualquer pessoa. Ao todo, estavam em competição 109 jogado-

res.

A prova foi organizada pela Secção de Xadrez, que tem equipas a disputar três divisões do campeonato nacional de equipas. A época da primeira divisão, onde joga a equipa AAC/Casino da Figueira ainda não começou e relativamente às outras duas divisões, o presidente Luís Rodrigues afirma: "Na segunda divisão (onde joga o Grupo de Xadrez de Coimbra/Casino da Figueira) está complicado, mas na terceira (disputada pelas Esperanças da Académica) vamo-nos manter".

Luís Rodrigues confessa que, com a chegada do treinador Petr Velicka, no ano passado, registaram-se bastantes desenvolvimentos. "Ele adaptou-se muito bem a Portugal e os novos alunos evoluíram, principalmente os mais jo-

vens", salienta o presidente da secção. "Temos agora é de ver se o conseguimos manter cá, mas está muito complicado a nível económico", continua o dirigente. "Também pelos cursos de iniciação que a Secção de Xadrez disponibilizou apareceu muita gente nova, e houve uma grande adesão das pessoas. Desde há três anos que este foi o melhor, sem dúvida", refere o presidente, contente com os novos sócios da secção de Xadrez, que rondam a dezena e meia.

No próximo fim-de-semana, dias 6, 7 e 8 de Maio, podemos contar com outro torneio: "Coimbra Classics 2005". Com 20 jogadores convidados, a prova está dividida em cinco sessões de partidas clássicas, que demoram uma hora e meia para cada lado, mais trinta segundo por lance.

Voleibol feliz pela manutenção

Rui Simões

A equipa de seniores masculinos da secção de voleibol da Associação Académica de Coimbra (AAC) conseguiu, nesta época, a manutenção na principal divisão nacional, a A1.

O feito foi conseguido após vitórias nos jogos de passagem entre equipas da A1 e A2, em que a Briosas defrontou e bateu o Machico por 3-1 e 3-2. A equipa de Coimbra garante assim, a presença na A1 pela quarta época consecutiva.

Na opinião do presidente da Secção de Voleibol da Académica João Ferreira, a manutenção "foi um feito notável" já que a equipa dos "estudantes", consequência das dificuldades económicas, competiu apenas com portugueses e "contra adversários com armas desiguais".

O treinador Rui Vaz de Castro afina pelo mesmo diapasão, lembrando que houve várias saídas no plantel acadêmico, que apenas foram colmatadas com a contratação de atletas da casa e jovens de divisões inferiores. "O plantel é actualmente semi-profissional, sendo composto por 80 por cento de atletas da casa que não recebem nada e ainda pagam quotas", explica Vaz de Castro.

Ainda assim, o treinador dos "estudantes" não deixa de ressaltar o facto de estes terem lutado pelo apuramento para os play-off até ao fim da fase regular, sendo que este apenas não foi conseguido porque os rivais açorianos dos Antigos Alunos foram mais fortes na recta final desta fase, vencendo em terrenos onde "ninguém esperava".

Vaz de Castro enaltece assim o feito conseguido pela Académica, recordando que esta tinha "um plantel muito reduzido" e que, "se alguém se tivesse lesionado, talvez o projecto tivesse ido todo por água abaixo", pois poderia não haver alguém para entrar para o lugar dessa pessoa.

No que diz respeito à próxima época desportiva, o treinador acadêmico prefere, para já, não traçar objectivos, pretendendo, por agora, apenas festejar a manutenção. Rui Vaz de Castro explica apenas que o desempenho da Briosas dependerá muito da forma como a equipa dos "estudantes" e os restantes rivais se reforçarem, sendo que, de momento, os de Coimbra ainda não asseguraram qualquer reforço.

Por sua vez, o dirigente João Ferreira prefere incitar as empresas de Coimbra a darem "maiores apoios e suportem uma maior fatia do orçamento" ao voleibol da Briosas, pois disso dependerão os objectivos da equipa na próxima temporada.

Rui Vaz de Castro também pede maiores apoios às entidades da cidade, ao mesmo tempo que manifesta o desejo de que a equipa da Briosas passasse a jogar no recentemente inaugurado pavilhão do complexo desportivo EuroStadium, já que este proporcionaria "melhores condições de trabalho e espectáculo".

Basquetebol luta para não descer

A Académica falhou o apuramento para os play-off e luta, contra o Algés, para não descer de divisão

Bruno Vicente

A Secção de Basquetebol da Associação Académica de Coimbra cumpriu, frente ao Braga, a totalidade dos jogos referentes à fase regular da Proliga. A Briosas terminou em 12º lugar, com treze vitórias e dezassete derrotas.

Falhado o grande objectivo de época, terminar nos oito primeiros lugares, que dão acesso aos play-

off, os "estudantes" lutam agora para garantir os direitos desportivos de permanência na Proliga, o segundo escalão mais relevante do basquetebol nacional.

Para que isso aconteça, a Académica precisa de defrontar o Algés, nos play-out, que terminou em 13º lugar. Quem vencer primeiro dois jogos livra-se do fantasma da descida. Assim, no próximo domingo, a equipa desloca-se ao Pavilhão Gomes Pereira para o primeiro jogo dos play-out, sendo os outros dois jogos em Coimbra. Durante a fase regular, a Académica impôs, fora de portas, uma derrota ao Algés, por 90-92 e, contra as expectativas, os estudantes perderam na segunda volta, em Coimbra, por 59-76.

O presidente da Secção de Basquetebol, Mário Costa, considera que a Académica "é favorita, apesar das dificuldades que o Algés possa impor". Já o treinador acadêmico, Jaime Moutinho, admite: "Das oito equipas que estão nos play-out, o Algés era a equipa que eu menos desejaria encontrar, é seguramente uma das melhores".

Em relação à fase regular a época acadêmica foi marcada pelo carácter transitório, com inúmeras alterações em relação ao ano transacto, tanto na direcção do clube como nos jogadores do actual plantel. Para Mário Costa, esta fase de transição "visa lançar as raízes para os próximos anos".

Por seu lado, Jaime Moutinho

aponta alguns factores que poderão ter comprometido os objectivos acadêmicos. "A Académica começou a época tarde, com muitas dificuldades nas condições de trabalho e sem uma equipa completa a nível de plantel". Com o avançar da fase regular "a equipa foi ficando mais forte" e melhorou a sua performance, mantendo acesa até à última jornada a esperança de chegar aos play-off.

"Com uma equipa estabilizada há mais tempo poderíamos ter lutado por um lugar mais dentro dos objectivos propostos", desabafa o técnico. Não obstante, Jaime Moutinho garante que "agora o grupo passa por uma fase positiva e está preparada para os play-out".

Râguebi consegue manutenção

Vitória sobre o CDUP deu descanso à Académica, em época atribulada. Taça Ibérica e Taça de Portugal são os próximos objectivos dos "estudantes"

Emanuel Graça

De campeão nacional a "afrito" – o percurso é estranho, mas foi assim que, no espaço de um ano, a Académica passou de envolvida na luta pelo título a equipa desesperadamente procurando a manutenção. O descanso só chegou no sábado passado, com a vitória frente ao CDUP, por 13-18, na penúltima jornada, a garantir à Académica a presença entre os "grandes" do râguebi nacional para a próxima época. Agora, os próximos desafios dos pupillos de Rui Carvoeira são a Taça de Portugal e a Taça Ibérica, que se realiza no dia 4 de Junho, no Estádio Universitário de Coimbra, com a Académica a defrontar os espanhóis do S. Salvador.

São várias as "peripécias" que, na opinião do presidente da secção de Rugby da Associação Académica de Coimbra (AAC), Álvaro Santos, explicam os maus momentos que a equipa viveu. Mais do que o peso das faixas de campeão conquistadas na época transacta, foram as saídas e as lesões de vários atletas que dificultaram o trajecto da formação académica, explica o dirigente. Isso levou a "um início de época difícil e atípico", com os resultados bastante aquém do esperado, onde os jogadores também não estão isentos de culpas. "Facilitaram um pouco", reconhece Álvaro Santos, destacando que "o râguebi nacional está cada vez mais competitivo".

A presença nas competições europeias também não foi nada positiva. A Académica foi bastante ambiciosa e aceitou participar na European



Após ter sido campeã nacional na época passada, a Secção de Râguebi da Associação Académica de Coimbra sofreu para conseguir a manutenção nesta época

Shield (a segunda maior competição europeia de râguebi de clubes) sozinha e não com uma equipa mista, formada entre jogadores académicos e do CDUP, à semelhança do que acontecia em anos anteriores. Essa decisão acabou por ter um desfecho dramático. Além de duas derrotas bastante pesadas, com a diferença no marcador a rondar a centena de pontos, a Académica ainda se viu posteriormente sem capacidade financeira para participar na Parker Pen (terceira principal competição europeia de clubes), acabando por ser obrigada a desistir.

"Foi uma situação que em nada

beneficia o nosso nome", reconhece Álvaro Santos. Apesar disso, o dirigente faz questão de reconhecer que, em termos de evolução desportiva, a participação na European Shield foi extremamente positiva. "O nosso râguebi está numa fase de afirmação. Se quisermos ser melhores, temos de jogar contra equipas mais fortes. Só isso permite que a equipa cresça", defende o presidente da secção de rugby.

Futuro

A curto prazo, a Académica tem dois objectivos concretos: a Taça Ibérica e a Taça de Portugal. O que

não evita que já tenha começado a preparar a próxima época. Nas palavras de Álvaro Santos, "bastantes jogadores devem abandonar a equipa" e é necessário colmatar as lacunas. A vontade é voltar a estar na luta pelo título, isto numa altura em que a formação já deve poder contar com o novo campo sintético, em Bencanta.

Quanto à continuidade de Rui Carvoeira, não há certezas. Apesar de repudiar "uma cultura de futebol", de valorização dos técnicos em função dos resultados, o presidente da secção de rugby não garante, para já, a manutenção de Carvoeira. "Não sei se ficará. É preciso também

saber a sua vontade", diz o dirigente.

Certa é a continuação da aposta na formação, onde a Académica tem vindo a colher alguns frutos – no sábado, a equipa júnior joga a final da Taça de Portugal, enquanto os juvenis lutam pelo título nacional, na final four. Além da existência de um projecto para a criação de uma "Escola de Râguebi da AAC", deve ainda reabrir, no final do ano, o "Rugby Clube de Coimbra", um espaço que pretende, entre outras coisas, aproximar a juventude da modalidade. Porque, como salienta Álvaro Santos, "a qualidade só surge com a quantidade".

Arcos e flechas com mais uma prova na mira

Secção de Tiro com Arco da Associação Académica de Coimbra (STAAAC) já obteve dois primeiros lugares este ano

Bruno Gonçalves

No domingo, a secção de Tiro com Arco participa em mais uma etapa do Campeonato Nacional de Tiro com Arco. Das quatro provas

realizadas até agora, a STAAAC conseguiu arrecadar dois primeiros lugares nas competições do escalão individual.

A próxima prova (que o ano passado foi ganha pelos arqueiros de Coimbra) é a quinta do Campeonato Nacional deste ano e será disputada na Pampilhosa do Botão. Trata-se de uma competição do tipo 3D DD, 2 flechas, feita, como o nome indica, com alvos em três dimensões, dispostos a distâncias desconhecidas dos atiradores, sendo que estes podem disparar duas flechas. Para além deste tipo exis-

tem também os tipos "Hunter", onde se "caça" o alvo, perseguindo-o; o "Animal", onde se usam alvos 3D com formas de animais; e também "Field", onde a competição se disputa em campos com vegetação densa, podendo estar os alvos colocados a uma distância desconhecida para os participantes.

O tiro com arco teve a sua origem no Reino Unido e divide-se em dois tipos de competição: os chamados campeonatos "indoor", praticados em locais fechados, e os "tiro à natureza", ao ar livre, com

os quais a STAAAC está "mais familiarizada", explica o presidente Nuno Marques. Estas competições dividem-se ainda em várias categorias, onde se podem destacar a BHR ("Bowhunter") e a LB ("Longbow"), onde os "estudantes" têm um atleta que já foi campeão nacional, António Pereira, e que acumula ainda a função de treinador. Este atleta já esteve também presente, no ano passado, no campeonato Europeu de tiro com arco, a representar Portugal.

A secção de tiro com arco treina no estádio universitário, num pavi-

lhão que partilha com a secção de Karate. Esta situação "é um problema para os atletas", diz Nuno Marques, uma vez que só participam em campeonatos ao ar livre e só podem treinar em espaços fechados e com distâncias muito mais reduzidas do que as que enfrentam nos campeonatos. A aquisição de um espaço ao ar livre para treinos é uma das principais prioridades da secção, que pretende ainda comprar material para que os atletas "não se vejam obrigados a sair da equipa para terem condições de competir".

Via Latina Espaços Lusófonos

A revista mais antiga da academia

À venda na Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra

“Não penso em captar público”

João Canijo diz que o objectivo da sétima arte é sobretudo transmitir emoções

O cineasta, autor de “Noite Escura”, e grande vencedor da última edição dos “Caminhos do Cinema Português”, que recusa entrevistas a profissionais, salvo aquando da estreia dos seus filmes, recebe A CABRA em sua casa

Tiago Almeida
Ana Bela Ferreira

Começou como actor, mas descobriu que não tinha talento. Contudo, o grande sonho concretizou-se com o trabalho de realização, interrompido durante oito anos porque um “menino guerreiro” fez com que só “se realizassem, no máximo, dois filmes por ano”. A passagem pela televisão deu-se por necessidades “alimentícias” e foi uma experiência a não repetir. Até porque agora o cinema de Canijo está consolidado.

Quando percebeu que queria enveredar pelo cinema?

Sei lá. Tinha a mania que andava a tirar fotografias aos 12 anos. A primeira encenação que fiz foi uma encenação de fantoches por volta dos 11 anos. Foi aí que descobri “a coisa” (risos). Antes do 25 de Abril, pelas circunstâncias, os miúdos eram política e culturalmente muito mais precoces se tivessem pais na oposição. Fui sócio do cineclub de Porto, creio que aos 12 anos, o que nessa época era normal porque as pessoas eram muito atentas a tu-

do o que fosse do contra. Desde sempre que quis ser realizador. Estive ainda no Teatro Universitário do Porto que sempre era uma coisa parecida. Aí descobri que era um péssimo actor (risos).

Como recorda “A Meio-Amor”, a sua primeira curta-metragem, de 1983?

Não a mostro a ninguém. Já não a tenho porque, graças a Deus, perdeu-se (risos). A curta-metragem tinha um objectivo muito concreto: foi feita para uma candidatura ao American Film Institute, segundo uma série de regras convencionais para ser analisada pelo júri. Para isso funcionou, para mais nada serviu.

Depois de ser assistente de Manoel de Oliveira, surgiram os trabalhos na televisão. Como descreve esse período?

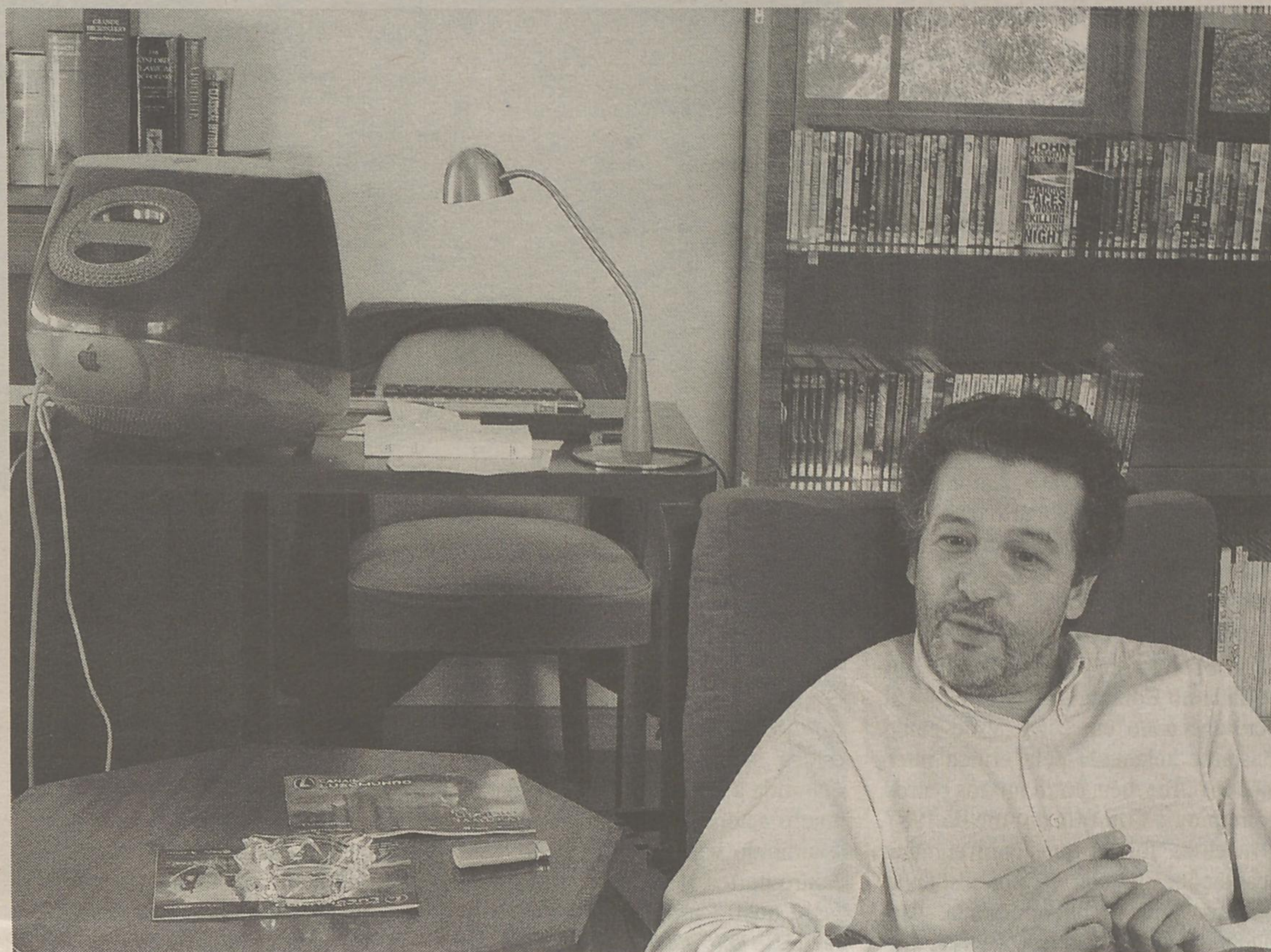
Difícil. A RTP foi uma proposta do Paulo Branco e foi aceite em consciência, mas acabou por correr mal porque as condições de produção não eram grande coisa, por excesso de confiança e, principalmente, por grande ignorância da montagem. A TVI e a SIC estão relacionadas com o doutor Cavaco e com o inefável Santana Lopes, mais conhecido como o “menino guerreiro”, que durante dez anos impediram que se fizessem filmes em Portugal. A grande marca do “menino guerreiro” foi ter conseguido que se realizassem, no máximo, dois filmes por ano, durante o seu reinado. Por isso, estive oito anos sem filmar e como tinha um filho que precisava de alimentar, o meu trabalho para a televisão foi, pura e simplesmente, alimentício.

O que mais lhe desagradou no universo televisivo?

Não me satisfaz de todo. É um período para esquecer, não por um olhar depreciativo em relação à televisão, mas porque são meios diferentes. A televisão é feita para um público geral, já o cinema é feito para “públicos”. Fazer televisão implica ser ilustrativo e explicativo, para que tudo seja facilmente entendível pelo público, ao contrário do cinema. A arte apenas pretende passar o maior número de emoções possíveis, não explicações.

Qual a sua maior preocupação quando pensa num filme?

Não penso em captar público. Penso sempre numa maneira de transmitir sensações e emoções às pessoas e não ao público em geral. Para captar público fazia telenovelas para a TVI. Tento descobrir qual é ideia central de qualquer projecto que me interessa, ou seja, qual é a emoção ou o sofrimento central. Por exemplo, no próximo filme esse sofrimento é a falta de amor. A partir daí, tento construir um filme onde tudo isso possa ser visto de muitas maneiras diferentes



O realizador não gostou da experiência televisiva, mas tinha um filho que “precisava de alimentar”, explica

e por cada espectador diferente.

O que une as suas três últimas obras?

Os temas das três obras têm uma certa unidade, que foi descoberta em “Sapatos Pretos”: a profundidade da alma portuguesa, tão bonita que é, tão alegre e tão pouco ordinária (risos). Espero ainda conseguir ir mais longe nesse sentido. O meu trabalho tem que ver com algo que já me apoquentava há muito tempo e que está resumido no livro de José Gil: “Portugal hoje, o medo de existir”.

Como reagiu à distinção, com o prémio do júri e o galardão do júri de imprensa, pelos “Caminhos do Cinema Português”?

Não posso dizer que fiquei surpreso. Dentro do panorama do cinema português do ano passado, era natural. Soube no dia seguinte, porque estava fora do país, na Hungria, senão teria ido até lá receber o prémio. Penso que o filme agradou à crítica, porque é melhor do que os anteriores. O público continua a ter, se calhar com alguma razão, um certo preconceito em relação a tudo o que é cinema português. Há pouco dinheiro para a promoção do nosso cinema e se os filmes portugueses nem sempre são promovidos pela SIC (a única estação de televisão que faz uma promoção decente aos filmes que co-produz). Já a promoção da RTP é praticamente inexistente. A RTP abdica da lógica comercial.

Em busca do retrato de Portugal

Enquanto pensava em “Noite Escura”, viajou pelo país à procura de casas de alterne. Como descreve essa viagem?

Não fiquei surpreendido. Queria um ambiente em que uma tragédia pudesse ser o mais indiferente possível, o ambiente óptimo seria o ambiente da noite, tanto podia ser uma discoteca como uma casa de alterne. Mas uma casa de alterne é por definição um mundo de mentira e fingimento, onde qualquer tragédia passa absolutamente despercebida. O mundo da noite, das casas de alterne é, também, o retrato muito fiel de Portugal. A prova disso é sermos o país europeu onde a densidade de casas de alterne e similares é a maior e essas ca-

sas de alterne são escondidas ou, quanto muito, são discretas. Esta relação escondida e esta falta de capacidade de encarar as coisas está muito relacionada com País. Portugal tem medo de existir.

Nota-se nos seus três últimos filmes uma aproximação à tragédia clássica...

Quando estava a fazer “Ganhar a Vida” e a investigar os emigrantes portugueses em França, descobri que a história que se podia contar era uma antiga, a luta da razão do coração contra a razão da sociedade. E ao descobri-lo fiz uma adaptação distante da “Antígona”, voltando a uma ideia de que gosto muito que é a de Electra. A história

da família da Electra começou em “Noite Escura” e há-de acabar no terceiro filme. Tive que fazer o terceiro antes do segundo, por questões financeiras. O primeiro é o “Noite Escura”, o segundo será “Piedade” e o terceiro chamar-se-á “Mal-nascida”. Por ser um filme muito caro, “Piedade”, com mais de vinte actores, foi adiado. O primeiro passava-se numa casa de alterne, o segundo passar-se-á no crime organizado internacional, já o terceiro passa-se na aldeia mais perdida que conseguir encontrar.

A história de “Mal - Nascida” é muito simples: um pai faz uma asneira e é obrigado a sacrificar uma filha, a mãe não acha graça nenhuma e arranja um amante para matar o pai, a outra filha acha ainda menos graça e convence o irmão a matar a mãe. Os actores para este filme já estão escolhidos: a Rita Blanco, a Isabel Ruth, o Nicolau Breyner, o Gonçalo Waddington e o Fernando Luís.

O que considera ser necessário alterar no cinema português?

É fundamental defender e proteger a quantidade e fundamentalmente a diversidade, algo que existe quando o governo é socialista. Havendo isto, forçosamente vão aparecer coisas novas, diferentes e melhores. Dou o exemplo da França onde se fazem por ano, mais ou menos, 150 filmes por ano e em Espanha, cerca de 120. Em Portugal, no tempo dos governos socialistas fazem-se quase 20 filmes, enquanto que no tempo dos governos de direita se passa para 12. Em 12 filmes por ano não podemos querer que todos sejam geniais. Vinte filmes por ano em Portugal é um bom número, mais do que isto é difícil.

Filmografia:

Como Realizador

Fim de Estação (1982)
A Meio Amor (1983)
Três Menos Eu (1988)
Filha da Mãe (1991)
Sapatos Pretos (1998)
Ganhar a Vida (2001)
Pai da Minha Vida (2003)
Noite Escura (2004)

Como Produtor

A Meio Amor (1983)

Como Produtor Executivo

Lisbon Story (1994)

Como Argumentista

Três Menos Eu (1988)
Filha da Mãe (1991)
Sapatos Pretos (1998)
Tarde Demais (2000)
Ganhar a Vida (2001)
Pai da Minha Vida (2003)

Como Actor

Um Passo, Outro Passo e Depois... (1990)
Lisbon Story (1994)

“Os Portas” vêm aí

Quatro actores conhecidos da praça portuguesa apresentam em Coimbra a peça “Os Portas”. Comédia tradicional, alta comédia e farsa conjugam-se num espectáculo com críticas à sociedade mas sem conotações políticas

Cláudia Carneiro

A 14 de Maio, pelas 21h30m, no Teatro Académico de Gil Vicente, estreia-se em Coimbra a peça de teatro “Os Portas”. O elenco é constituído por quatro actores sobejamente conhecidos do grande público devido às suas participações no cinema e em programas televisivos. Almeno Gonçalves, António Fonseca, António Melo e Marcantónio Del Carlo dão vida a este espectáculo, cujo nome original é “Bouncers”, da autoria de John Godber.

A primeira apresentação de “Bouncers” ocorreu em Agosto de 1977, integrada no Edinburgh Fringe Festival, permanecendo em cena desde então. Bastante aclamada pela crítica internacional, recebeu, entre muitos outros, o prémio de Comédia do Ano de 1987. O sucesso foi tal que, com algumas adaptações, passou já por Espanha, Bélgica, França, Itália, Irlanda, Alemanha, Grécia, Noruega, Rússia, Canadá, EUA, Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, tornando-se assim conhecido à escala mundial, ao ponto de percorrer os cinco continentes.

Em Portugal, a estreia ocorreu a 24 de Setembro de 2004, no Casino do Estoril, ainda com o actor Pedro Lima, que integrava o elenco inicial. Con-



Marcantónio Del Carlo, António Melo, Almeno Gonçalves e António Fonseca em “Os Portas”

do, este veio a abandoná-lo e foi substituído pelo próprio encenador da peça, Almeno Gonçalves.

O elemento preponderante da acção é uma discoteca de massas “Políburro”, ponto de observação para uma crítica simultaneamente corrosiva e divertida à sociedade de consumo. Os quatro actores, ao longo da peça, vão assumindo várias personagens, desde quatro porteiros da noite, quatro rapazes e quatro raparigas, passando por um DJ e um punk, abordando temas tão frequentes num ambiente nocturno como a solidão, o encontro fugaz na noite, a procura de parceiro para uma inconsequente relação sexual. Tudo isto, numa acção dividida em actos que recorre à comédia tradicional, alta comédia e à farsa.

“Um enorme desafio” é a expressão

utilizada pelo encenador e actores relativamente a este trabalho, habituados a diferentes registos teatrais. Ao mesmo tempo, uma vez que o espectáculo é “não alinhado”, a experiência, a capacidade interpretativa e empenho dos actores são elevados ao nível máximo.

A música que se ouve na peça pretende ser o elemento uniformizador de massas já que, como diz Almeno Gonçalves “a individualidade desaparece para dar lugar à massa anónima, onde se perdem as réstias de esperança em relação ao eu”. Contudo, existe um elemento crítico, acrescenta o encenador: “Um dos porteiros funciona como consciência. Há uma crítica subjacente ao fenómeno da noite”. Os actores são unívocos sobre o carácter da peça, destacam a sua “acidez”, acção corro-

siva e crítica sem qualquer índole moralizante, mas que diverte e dá espaço à criatividade e imaginação do espectador, independentemente da idade. Um texto contemporâneo, cosmopolita, bem humorado e intemporal.

Contactada pela CABRA, Lia Ferreira, da produção e realização do espectáculo, falou do grande interesse e afluência da parte do público, em todas as salas do país, mesmo em dias da semana. Salas como Casino do Estoril e o Rivoli do Porto, tiveram lotação esgotada, o que se espera que aconteça em Coimbra, num teatro com capacidade para setecentas pessoas. Lia Ferreira acrescenta que tem boas expectativas relativamente ao público de Coimbra, tendo em vista o que aconteceu em apresentações anteriores, que foram do agrado do público.

Lamentos de uma pandeireta de Coimbra

Bruno Vicente

A partir de sábado até dia 13, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e a “ésófachada” levam a palco a peça “Memórias de um Pandeireta Abandonado”.

A história segue um pandeireta de uma tuna académica, que sofre um acidente. Na sua estadia hospitalar recorda com saudade os melhores momentos vividos em Coimbra: os amigos, as festas e a tradição académica. Estas recordações são interrompidas por sons que o reportam ao acidente que sofreu durante a sua actuação. Sente-se sozinho e perseguido por vozes que o deixam em estado de delírio.

O desespero em que o pandeireta vive é amenizado pelos cuidados hospitalares efectuados pela enfermeira e pelo médico, porém o destino é irreduzível e ao mesmo tempo imprevisível.

Apesar do contexto ser de fácil conexão ao estudante, com a utilização de diversos símbolos académicos espalhados pelo cenário, Helder Wasterlain, encenador e actor que encarna o pandeireta, salienta que a peça “não tem um fundo moralista”. “É uma sátira, não se pretende humilhar, mas mostrar as coisas como elas são”, adianta Margarida Dias, a enfermeira na peça. Gil Costa, o médico, completa o elenco.

Assim, a encenação é um retrato onde se leva uma situação específica para um patamar mais cómico. Essa realidade é puxada ao absurdo, mas representa algo possível de acontecer.

Há também uma forte ligação entre espaço e público, que ganha o papel de observador silencioso. “Os espectadores vão ser uma espécie de anjos que pairam no hospital e assistem ao desenrolar das situações que se sucedem”, comenta Helder Wasterlain.

Coimbra assiste ao regresso de Nicolau Breyner

Nicolau Breyner volta ao teatro depois de mais de 20 anos afastado dos palcos.

“Esta Noite Choveu Prata” vai estar em cena no TAGV sábado e domingo

Sofia Carvalho

No próximo fim-de-semana chega ao Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) a peça “Esta Noite Choveu Prata”. Produzido pela Companhia Neoclássica de Teatro Comediante, do empresário e produtor Sérgio Azevedo, o espectáculo marca o regresso de Nicolau Breyner ao teatro como actor e encenador.

Com texto da autoria do dramaturgo Pedro Bloch, natural da Ucrânia, mas nacionaliza-

do brasileiro, a peça consiste num monólogo onde Nicolau Breyner interpreta três personagens: um português, um italiano e um brasileiro. A acção decorre no Brasil, no início dos anos 50, e conta as vivências de um empresário, um músico e um actor, de origens diferentes, que a peça acaba por unir.

Segundo Nicolau Breyner, actor e encenador do espectáculo, trata-se de “uma história de amor, de traição e de amizade, onde o riso e a lágrima se misturam constantemente”. O actor refere que, apesar de ser uma peça “que se passa com pessoas mais velhas”, o facto de se tratar “sobretudo de uma história de vida e de emoções” faz com que tenha uma boa receptividade por parte do público, incluindo as faixas etárias mais jovens.

A história narra a vida de três homens: Francisco Rodrigues, um português emigrado no Brasil bem sucedido financeiramente, um violinista italiano, Pietro Bonardi, e um

velho actor brasileiro, Camilo, que fora abandonado pela família e a quem só restam os dois amigos, Francisco e Pietro. Interpretando personagens com diferentes maneiras de ser, temperamentos e sotaques, o actor pode explorar as suas capacidades cénicas e artísticas.

O regresso de Nicolau Breyner ao teatro resultou de um conjunto de circunstâncias. Entre as principais razões, o encenador apresentou o facto de “precisar de voltar à disciplina maior de ter saudades de sentir o público”. Também ajudou ter sido uma proposta de “um grande produtor e amigo de longa data” e um texto “muito bonito”. O facto de ter visto a peça em 1954, quando tinha cerca de 15 anos, protagonizada na altura por João Villaret, terá igualmente contribuído para a decisão de aceitar o desafio.

Nicolau Breyner confessa que inicialmente estava hesitante em fazer um monólogo, expressando a sua preferência pelo diálogo.

No entanto, explica que depois de conhecer a peça a achou tão aliciante que o receio de se tornar aborrecido se dissipou.

“Esta Noite Choveu Prata” estreou em Sintra a 24 de Março e até ao final do Verão vai estar em digressão nacional, iniciada em Abril, que apresentará a peça em 62 salas de espectáculo portuguesas.

Para justificar o elevado número de exhibições, o produtor da peça, Sérgio Azevedo, refere que a Companhia Neoclássica de Teatro Comediante tem “uma filosofia um pouco diferente” das outras companhias.

De acordo com o produtor, normalmente a exibição das peças fica limitada aos grandes centros urbanos, como é o caso de Lisboa e Porto, que “acabam por ser as duas cidades com mais tradição em espectáculos”. O objectivo, esclarece, é “levar o teatro a casa das pessoas”, o que significa transportar a cultura “a localidades que não estão habituadas a receber este tipo de eventos”.

SEXTA
Geração
Informática Multimédia Lda

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

Pedro e Inês de novo juntos

Peça é encenada pelo espanhol José Blanco Gil e apresenta como principal novidade a existência de dois actores para interpretar cada um dos amantes

Sandra Ferreira
Rui Simões

No próximo dia 12, pelas 21h30, vai estar em cena no Teatro Académico de Gil Vicente a peça "A Castro", de António Ferreira. Levada ao palco pelo Teatro Ibérico e encenada pelo espanhol José Blanco Gil, "A Castro" conta com as interpretações de Eva Costa, Solange Santos, Miguel Brazão e Tiago Cadete, entre outros. Esta é uma iniciativa no âmbito do programa das comemorações dos 650 anos da morte de D. Inês de Castro.

A tragédia "A Castro", inspirada na história de amor de D. Pedro e D. Inês de Castro, que culmina na morte desta, foi escrita e encenada pela primeira vez em finais do século XVI, por António Ferreira. Desde então, esta obra tornou-se num ícone do humanismo português, tendo sido transportada para o palco por diversos criadores. Apesar disso, o encenador José Blanco Gil não considera que tenha havido muitas encenações, "principalmente nos últimos 25/30 anos". Na opinião de Blanco Gil, estas "são as personagens mais ricas e importantes ao nível dramático do teatro português" e, portanto, defende novas abordagens ao texto de António Ferreira, que possibilitem a sua revitalização e renovação. O encenador d'"A Castro" acrescenta ainda que a marca do criador está sempre presente em

cada nova abordagem.

No que concerne ao espectáculo apresentado pelo Teatro Ibérico, este é, segundo José Blanco Gil, "uma recriação absolutamente duvidosa do texto de António Ferreira". De entre as inovações trazidas à peça pelo encenador espanhol, este realça a duplicação das personagens de D. Pedro e D. Inês, que diz permitir "mais jogos cénicos", já que assevera que "com a interpretação de dois actores e duas actrizes as personagens ficam mais ricas".

Seis séculos e meio depois da morte de D. Inês, Blanco Gil defende que "esta tragédia continua dentro da modernidade total dos temas", já que este clássico "contém mensagens para o tempo presente", tendo "um certo valor e uma certa representatividade na sociedade actual". O encenador espanhol estabelece mesmo o paralelo entre as dificuldades sentidas por D. Pedro e D. Inês e o amor homossexual que ainda hoje sofre dificuldades de aceitação social.

Objectivos e expectativas

Através daquilo que define como "um grande texto de António Ferreira que lança personagens dramáticas a nível universal", Blanco Gil afirma pretender lembrar a importância de 2005, enquanto o ano que marca os 650 anos da morte de Inês de Castro.

Ao mesmo tempo, o encenador, que também participa na peça enquanto actor, almeja, através deste trabalho, prestar tributo aos autores clássicos, que diz serem frequentemente esquecidos em Portugal. Compara mesmo este clássico do século XVI a outros símbolos da dramaturgia universal, como os de William Shakespeare.

Lembrando que o drama de D. Pedro e D. Inês ocorreu em Coimbra e arredores, Blanco Gil diz ter



"A Castro" de António Ferreira estará no palco do TAGV no próximo dia 12

grandes expectativas para o espectáculo de dia 12. O encenador espera ser bem acolhido por uma plateia numerosa que deseje reviver a lenda. O espanhol, também

cenógrafo da peça, conclui ressaltando o facto de o espectáculo ser acessível aos mais diversos públicos, "dos mais exigentes aos mais populares".

Projecto Sousa Bastos em discussão

"Património e criação artística" é o mote para o debate que se realiza hoje no café Santa Cruz e que tem por objectivo debater a candidatura da Universidade de Coimbra a Património da Humanidade

Lurdes Lagarto

O debate organizado pelo Movimento Sousa Bastos Vivo (MSBV) insere-se num ciclo que pretende "alertar a cidade para aspectos concretos do processo do antigo Cine-Teatro Sousa Bastos", esclarece Luís Sousa, membro do movimento.

O Pró-Reitor para a Cultura da UC, Gouveia Monteiro é um dos intervenientes do debate, que conta também com a museóloga Adília Alarcão e o sociólogo Paulo Peixoto.

O primeiro debate ocorreu no passado dia 26 e contou com a presença dos arqueólogos Jorge Alarcão e Ma-

nuel Real e do arquitecto João Mendes Ribeiro. A opinião de todos foi unânime no que respeita a fazer escavações arqueológicas no local do edifício do Cine-Teatro Sousa Bastos.

João Mendes Ribeiro considera importante fazer uma "análise do sítio, do edifício e da sua história", antes de se elaborar qualquer projecto. Por seu lado, Jorge Alarcão lembrou que Coimbra é uma cidade única em achados arqueológicos feitos durante escavações, dando o exemplo do que se passou com as obras no edifício da Coimbra Editora. Assim, considera que "os proprietários, por próprio interesse, devem fazer escavações". Já Manuel Real falou da história do local onde o cine-teatro foi construído. O arqueólogo lembrou que ali existiu uma igreja construída no século XII, nomeando-a como "a mais importante daquele tempo a seguir à Sé Velha". Manuel Real disse também que existem indícios de uma igreja anterior que seria do período pré-românico e considera que prospecções arqueológicas podem revelar algo sobre estes factos.

Sidónio Simões afirma que as escavações arqueológicas devem começar

dentro de mês e meio e vão ser financiadas pela câmara e pelo proprietário.

A polémica em torno do antigo cine-teatro tem vários anos e os principais intervenientes são a Câmara Municipal de Coimbra, o proprietário do edifício, Joaquim Pereira Órfão, e o MSBV. A controvérsia voltou a ser discutida quando o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) deu "parecer favorável condicionado", ao projecto do proprietário. O projecto em questão prevê a construção de fracções habitacionais e cedência de espaço à edibilidade, onde deverá ser construído um auditório, um bar e espaço para associações culturais.

O presidente da Direcção Regional de Coimbra do IPPAR, José Maria Henriques, diz que "na análise da proposta foram tidos em conta os antecedentes para aquela localização: a inserção na zona de protecção do imóvel designado por 'Casa da Nau'. Assim, o parecer emitido "traduz a necessidade de ser efectuado um estudo arqueológico adequado, cujos resultados deverão ser compatibilizados com o projecto de arquitec-

tura a desenvolver", conclui. Este parecer vai de encontro a outro emitido pelo IPPAR em 1995. Em Novembro de 2003, o MSBV fez ao IPPAR um pedido de classificação do edifício do cine-teatro. Em relação a este processo, José Maria Henriques esclarece que "foi elaborado parecer técnico e submetido à apreciação do Conselho Consultivo, a fim de ser emitido parecer final que determinará o grau classificativo a atribuir ao citado imóvel".

O projecto tem ainda que ser analisado pela câmara e prevê a construção de um parque de estacionamento subterrâneo, caso não se encontrem achados arqueológicos que o impeçam. Sidónio Simões, considera que não deve ser possível construir o estacionamento, pois "duvida que não haja achados arqueológicos importantes".

Joaquim Pereira Órfão afirma desconhecer o projecto, uma vez que "quem tem estado a tratar disso é um arquitecto e já foram elaborados mais de dez projectos", afirma. Para o proprietário, "é uma vergonha que [o edifício] esteja assim, o telhado já caiu e aquilo foi limpo. A câmara nunca deixou lá construir nada".

Em palco...

Francisca Moreira Opinião

Um livro sem história

"A Storybook Life"
Philip-Lorca diCorcia
CAV / Encontros
de Fotografia
Até 19 de Junho
Entrada Livre

Philip-Lorca diCorcia nasceu em 1953, nos Estados Unidos da América e é na actualidade um dos principais fotógrafos do seu país. Estudava na universidade de Hartford, no início dos anos 70, quando a sua atracção pela fotografia teve início. Num escasso espaço de tempo transferiu-se para The School of the Museum of Fine Arts, em Boston para se dedicar mais especificamente ao seu novo interesse, a fotografia. Em 1976 tinha já um diploma em fotografia e no ano de 1979 uma graduação pela universidade de Yale.

DiCorcia é um fotógrafo generalista, abrangendo um pouco de todas as vertentes fotográficas. Desde documentários de tradições, a mundos ficcionais, conseguiu criar uma ténue e quase imperceptível linha entre realidade e fantasia.

Alternando a técnica da informalidade de uma fotografia instantânea, com a de uma fotografia preparada e composta minuciosamente, usando tanto a luz natural, como a artificial, é a saturação de cores presente no trabalho de diCorcia que nos dá, quer seja numa paisagem urbana, ou num ambiente doméstico, a emoção e a intensidade psicológica das suas imagens.

"A Storybook Life", mostra-nos num conjunto de setenta e seis fotografias, realizadas ao longo de praticamente um quarto de século — sendo as últimas datadas de 1999. Imagens de um quotidiano, usualmente urbano, que reflecte o mais variado tipo de situações ou paisagens. Imagens recolhidas em vários pontos do mundo que sugerem histórias de vida. Os mesmos protagonistas aparecem em diferentes estúdios e estilos e dificilmente se percebe algum dos protagonistas, ocasionais ou não, olhando a câmara que o fotografou. Ao invés, os seus olhares são usualmente introspectivos ou reflectivos. Apesar dos anos que distam algumas fotografias, apesar do país, cultura, paisagem ou protagonista, há sempre uma marca pessoal que estigma e distingue Philip-Lorca diCorcia.

Segundo o próprio autor, este projecto, que inicialmente pretendia ser um livro, inspirava-lhe uma vontade de fazer algo diferente do seu trabalho realizado até então, e não uma retrospectiva do que já havia feito, como pretendiam vários editores que o circundavam. Considera que "A Storybook Life" é tanto uma história, como uma vida! A intimidade da ficção notada no método de trabalho e ambição que envolveu este projecto.

Considera que não pretendia chegar a nenhuma conclusão em especial com este trabalho, mas teve desde o início bem delineada a ordem de exibição do mesmo. E sem saber explicar porquê, este projecto inicia e finda com uma fotografia do seu pai.

Vê-se...



Provocação perigosa

Esqueçamos os aspectos técnicos ou novas contribuições estéticas, certos filmes impõem-se pelo seu valor semântico. Passados 60 anos da morte de Hitler, a figura continua a gerar ódios e também fanatismos subreptícios. É sob este prisma que assisto a "A Queda - Hitler e o Fim do Terceiro Reich", um filme que se apresenta como neutro, mas que não passa de uma provocação perigosa.

"A Queda - Hitler e o Fim do Terceiro Reich" apresenta os últimos 12 dias do ditador escondido num bunker. Lá fora, nas ruas de Berlim, o exército soviético cerca a capital alemã e a derrota é inevitável. Em parte baseado nas memórias de Traudl Junge, secretária de Hitler, o filme retrata também o fim de outras personalidades do nazismo, como Eva Braun, o casal Goebbels ou Albert Speer.

A demência, a cegueira e o desespero escondidos uns metros abaixo da terra... A provocação começa quando ao magnetismo do ditador em público se associa a uma personalidade humanizada em privado. No fundo, o filme atreve-se a afirmar que Hitler não é assim tão diferente de um qualquer homem com convicções fortes. "A Queda - Hitler e o Fim do Terceiro Reich" pretende ser um argumento persuasivo: humanizar o monstro é torná-lo ainda mais monstruoso.

Perigoso raciocínio, confiar na memória do público. Chaplin sabia-o em 1942 quando lançou "O Ditador" e limitou-se a ridicularizar o führer.

Por falar em memória, fica na retina a assustadora e irrepreensível interpretação de Bruno Ganz. E no ouvido o alemão colérico que espuma da boca quando discursa.

Rui Pestana

A Guerra do 45

Este filme não é sobre os momentos finais de Hitler ou uma perspectiva humana sobre o ditador alemão, como se estivéssemos perante o equivalente a um "A Paixão de Cristo", ou seja, um filme sobre o Hitler histórico que deixasse pelo caminho a representação mitológica dele enquanto Diabo falhado, tal como o filme de Mel Gibson radicalizava o Evangelho ao máximo do naturalismo e tendo o génio de explicitar, numa história contada há dois mil anos, a violência (gratuita) que ela sempre teve e que nunca tinha sido mostrada.

Não, "A Queda" não é um filme especificamente sobre Hitler. A interpretação de Bruno Ganz não deixa por isso de ser admirável, mas não é bem esse o aspecto que mais conta. O título original do filme, "Der Untergang", é um bocadinho mais explícito do que o português: o ir-se abaixo, o afundar-se. Ou seja, a loucura e desgraça do Estado-Maior nazi e, por extensão, de toda a Alemanha. E este não é um

cenário nunca visto - "Europa", de Lars von Trier, mostrou-o de modo bem mais impiedoso.

Sim, é verdade, Hitler é um ser fraco, patético e doente. Mas também esse Hitler não é completamente inédito ("Moloch" já o mostrava assim, bem como muitos outros filmes e séries televisivas). E, se houvesse um paralelismo a ser feito, poderia ser com o lusíssimo "Capitães de Abril", já que também "A Queda" se reclama uma função de estabilização da história oficial. Hitler chega a ser até apenas *mais uma* personagem dentro do contexto e dinâmica interna do filme. Ganha destaque porque nós, espectadores, conhecemos a História, mas não por muito mais. O clímax ocorre com a morte dos Goebbels, a personagem da secretária é o elemento agregador de quase todas as outras e, na verdade, o filme é bem mais interessante depois de se livrar dos corpos de Hitler e de Eva Braun. A ver, sim, mas sem ilusões.

Jorge Vaz Nande

A Queda - Hitler e o Fim do III Reich / Oliver Hirschbiegel

Gustavo Sampaio	A génese nietzschiana da doutrina nazi	🐺🐺
Jorge Vaz Nande	Não será o José Mourinho dos filmes sobre a II Guerra Mundial, mas antes isto do que o "XXX2"	🐺🐺🐺
Rui Pestana	Um filme que se apresenta como neutro, mas que não passa de uma provocação perigosa	🐺🐺🐺
Tiago Almeida	Apesar da câmara "pobre", "Der Untergang" é um filme necessário, que tenta surpreender pela raiz	🐺🐺🐺
A evitar 🐺 Fraco 🐺 Podia ser pior 🐺🐺 Vale o bilhete 🐺🐺🐺		
A Cabra aconselha 🐺🐺🐺🐺 A Cabra d'Ouro 🐺🐺🐺🐺🐺		
Todas as críticas em acabra.net .		

Joga-se...

World of Warcraft

Este jogo da Blizzard é para ser jogado on-line e de preferência com alguns amigos ao mesmo tempo. A Blizzard pegou em Azeroth, o mundo criado para a sua linha de jogos Warcraft, e criou um mundo persistente onde o sol se põe e nasce segundo o horário central europeu. Ao entrarmos pela primeira vez no jogo somos convidados a criar um alter-ego que pertence à Aliança ou à Horda. Já desde os tempos que estas duas facções estão em guerra e cada uma delas é constituída por uma aliança entre diferentes raças.

A primeira decisão a tomar é acerca da raça da nossa personagem. Pode ser um humano, anão, elfo ou gnomo no lado da Aliança. Do lado da Horda pode-se escolher um ore, troll, undead ou tauren. Depois disso escolhe-se a classe. A classe define as características principais da personagem. Se é um lutador de longa distância ou curta, se usa magia ou não ou se é uma personagem que utiliza os seus poderes principalmente para curar os outros. Entre as classes disponíveis temos o guerreiro, o clérigo, o paladino, o druida, o mágico ou o caçador. É preciso ter em atenção que nem todas as classes estão disponíveis para todas as raças.

Depois disto podemos começar as nossas aventuras em Azeroth. Depois de começarmos o jogo podemos desenvolver ainda profissões extra como cozinheiro ou pescador, entre outras. Estas profissões dão ao jogador a possibilidade de construir, cozinhar ou recolher objectos que dão bónus durante algum tempo ou permanentemente. O plano de jogo é simples. O jogador procura umas personagens que têm um ponto de exclamação amarelo em cima. Depois de um breve diálogo essas personagens dão tarefas ao jogador. Estas podem ser completadas sozinho ou em grupo (consoante o grau de dificuldade e a disponibilidade de outros jogadores). Depois de completada a missão volta-se a falar à mesma personagem e ela, para além de experiência para subirmos de nível, dá-nos uma recompensa pelo trabalho efectuado. Claro que as missões em que o jogador se envolve tem sempre uma história interessante e à medida que se avança nos níveis cada vez mais complexa.



Jogos On-Line

"World of Warcraft"

www.worldofwarcraft.com

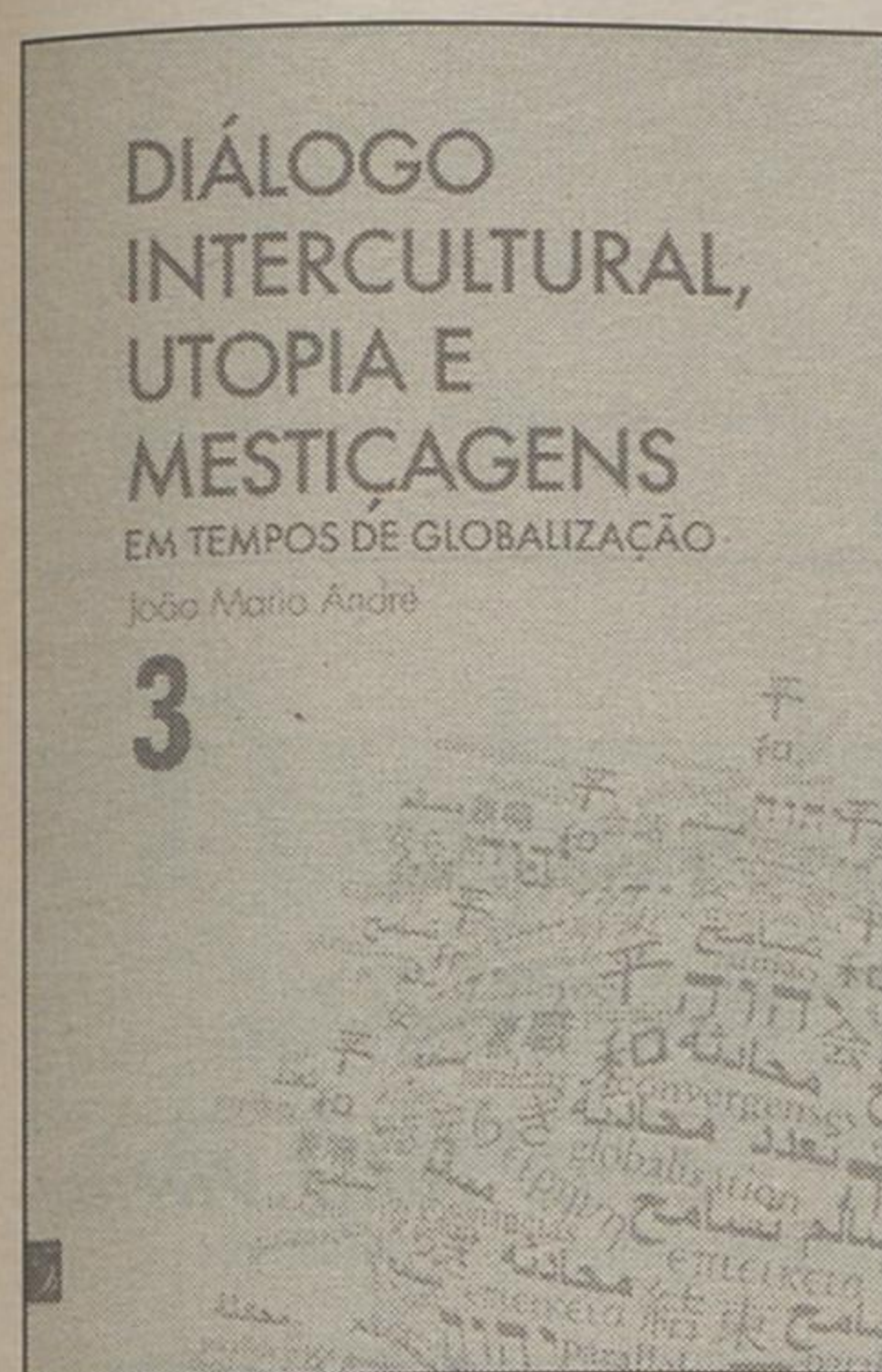
Nalguns casos, a partir de determinado ponto da missão o grupo que a estiver a completar é transportado através de um portal. Estes portais servem para que os diferentes grupos que estão a completar a missão não se atrapalhem. Cada grupo é levado para uma variante do mundo onde só existe o grupo e as personagens ligadas à missão que estão a completar. Como existem duas facções adversárias é natural que existam combates entre jogadores. Para não deixar ninguém de fora a Blizzard criou vários tipos de servidores. Temos os servidores PvP (Player vs Player) e PvE (Player vs Environment). Nos primeiros é possível o combate entre dois jogadores em qualquer zona de disputa do jogo, nos segundos só é possível com o consentimento de ambos. A Blizzard lança regularmente actualizações para o jogo. De vez em quando com mudanças na regras ou novas regras e sempre com novos conteúdos.

Nuno Curado - curado@yahoo.com

FEITAS

ARTES

Lê-se...



João Maria André

“Diálogo Intercultural, Utopia e Mestiçagens em tempos de globalização”

Ariadne Editora, 2005.

10/10

Da não fatalidade

Professor Catedrático da FLUC, especialista em Filosofia do Renascimento (donde se destaca a dissertação de doutoramento sobre o pensamento de Nicolau de Cusa, bem como a tradução de obras deste), João Maria André é conhecido, também, da nossa praça pelo trabalho desenvolvido no Bonifrates e, mais recentemente, pela sua incursão na direcção do Teatro Académico de Gil Vicente aquando do projecto 2001 – Coimbra Capital Nacional da Cultura.

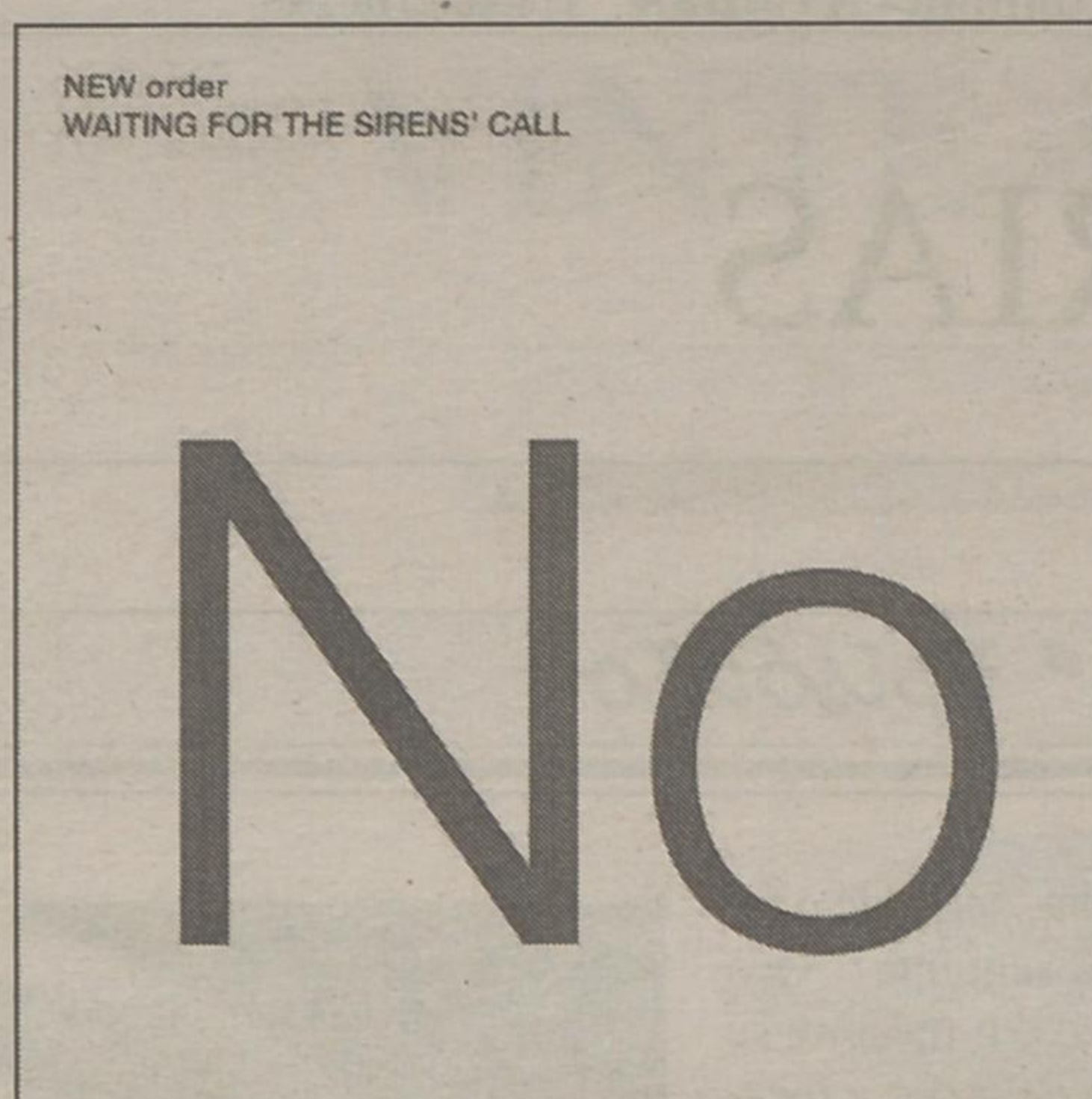
O livro esta quinzena aqui apresentado e sugerido é a mais recente obra de João Maria André e tem o objectivo de dar a pensar, filosoficamente, as transmutações epistemológicas, culturais e ético-políticas da sociedade ocidental hodierna, abrindo a janela para uma nova esperança de paz pelo diálogo entre culturas.

Neste fazer pensar, o autor conta com o contributo, prestando-lhes assim a sua homenagem, desde os pensadores renascentistas como Cusa, Tomás Moro, Campanella e Francis Bacon, aos pensadores da teoria da libertação, onde se destaca o pensamento de Dussel.

Partindo do pressuposto de que todos nós somos mestiços, pensando, assim, o homem como um todo e enquanto unidade aberta ao devir, nesta obra entramos em contacto com pressupostos antropológico-filosóficoslugarmas, também, e na exacta medida em que o é, a hipótese de o ser humano se lançar no futuro, de se realizar, de desbravar caminhos, da esperança. Esse alargamento de horizontes, de possibilidades, tem um caminho desvalorizado e que urge revitalizar: o da cultura. É a cultura, nas suas diversas acepções e dimensões, que nos permitirá libertar do jugo das ditaduras sub-reptícias, de sabermos ter e usar a nossa palavra e de escolher o nosso próprio trilho: “Recorrer à utopia e à força profunda da palavra como ‘técnica de guerrilha’ em tempos de globalização parece-nos ser a resposta alternativa da não-violência à violência de um mundo em que o poder se esconde atrás de muitas máscaras, cores e metamorfoses para nos uniformizar hipnoticamente”.

Um hino ao pensamento, ao diálogo, à compreensão, à paz, à diferença, à finitude e às grandezas do ser humano, numa escrita acessível, íntima e humana. **Andreia Ferreira**

Ouve-se...



New Order

“Waiting for the sirens’ call”

Warner Brothers, 2005.

7/10

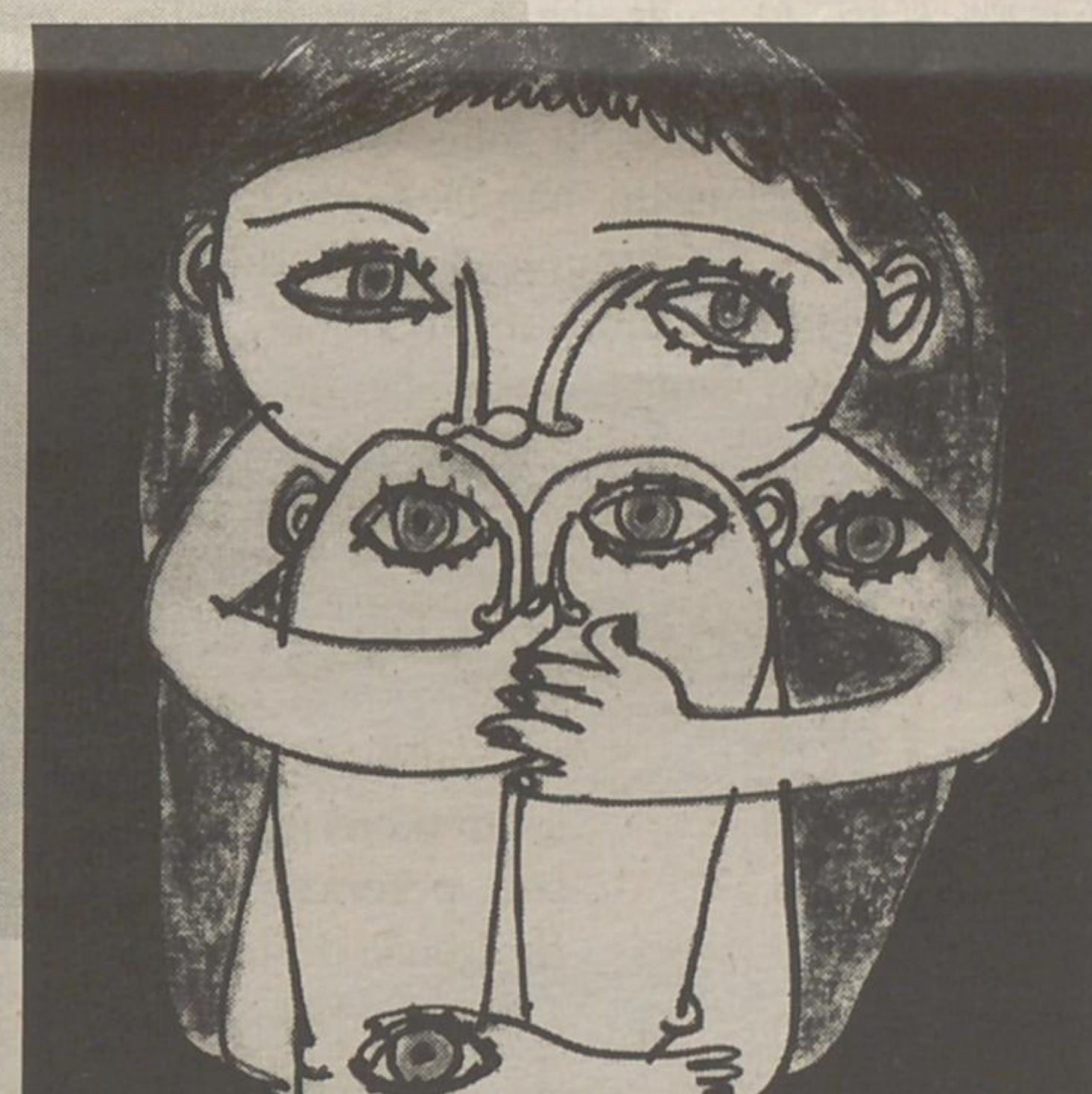
Um álbum de canções simples e bem construídas

Chamem-me tendencioso, mas os New Order são para mim daquelas bandas a quem ninguém tem o direito de pedir contas. Não vou aqui falar da importância que eles tiveram como Joy Division, nem mesmo da revolução que eles provocaram na música pop após a morte do mítico Ian Curtis.

“Waiting for the sirens’ call” podia ser o segundo álbum de três miúdos que depois de se aventurarem com guitarras, descobriram a electrónica e decidiram colocar, quase a medo, pozinhos de perlimpimpim sintetizados aqui e ali. Mas os New Order não são três miúdos, nem estão a começar. Mas nem por isso o resultado final é pior, ou soa a amadorismo. Este é, decididamente, um álbum de guitarras (eléctricas e – espantem-se – acústicas) e bateria analógica, à semelhança do seu predecessor “Get Ready”, de 2001, mas as semelhanças ficam só por aqui. Até porque, pela primeira vez, o baixo reverberado de Peter Hook perde a preponderância habitual em favor de uma sonoridade que acaba por ser bastante coesa.

As canções de “Waiting for the sirens’ call” são canções simples e bem construídas, que se passeiam sempre no habitual universo pop da banda. Mas não pensem que isto quer dizer que o álbum é igual a “Get Ready”. Não há aqui uma “Crystal” ou uma “60 Miles an Hour”, a pender para as pistas de dança. Mas ainda assim, promete pôr muito boa gente a dançar em roupa interior pela casa fora, com um sorriso estampado na cara. Tudo aqui soa a positivo.

Mas atenção, “Waiting for the sirens’ call” não descobre a pólvora. Não há aqui nada de novo (a não ser talvez, a diminuição da importância do baixo) e os New Order assumem isso. Mas como dizia o outro, eles preferem senti-la explodir. **Emanuel Botelho**



Old Jerusalem

“Twice the humbling sun”

BOR LAND, 2005.

8/10

A paz de saber sentir a música em boas mãos

Um belo dia Francisco Silva acordou como Old Jerusalem e a música sorriu-se e agradeceu.

Um belo dia, que podia ser melancólico como algumas músicas de auto-comiseração de “Twice the humbling sun”, Francisco Silva decidiu pegar numa guitarra acústica, tornar-se Old Jerusalem e criar uma fornada de belas melodias pop.

E aí nasceu “April” primeiro álbum de originais do artista. Este era, numa palavra, agradável. Noutras palavras, era melódico e cativante.

Depois Old Jerusalem, que até já era crescidinho, cresceu e evoluiu mais um bocadinho, engrandeceu-se e repetiu a dose. E então surgiu o seu segundo disco, este “Twice the humbling sun”, recheado com as mesmas melodias perfeitas saídas da sua voz e do fundo da sua guitarra acústica.

O que é então “Twice the humbling sun” que “April” já não fosse? Muito pouco, porque o revisita. Mas isso é bom, porque repete uma dose pop de qualidade.

O que é, então, “Twice the humbling sun”, agora sem mais comparações com a criação anterior de Old Jerusalem? É um disco claro como água com açúcar. Mas sem esse tom doce agoniativo. É um disco pop doce, calmo, agradável e homogéneo, que consegue cativar-nos aos primeiros acordes. Não é um álbum genial, é certo. Não inova assim tanto, é certo. Mas a boa música, quando o é, vale por si só. E portanto, é isso que temos, a envolver-nos, nem que seja enquanto som de fundo, ao longo de onze belas faixas.

Tudo começa com uma magnífica “180 Days” que cativa logo a atenção pela chama que traz incorporada. E depois não pára mais, desde áreas mais coloridas às mais nebulosas, passando pelas mais ternas. Tudo num disco impregnado pela essência da calma e da paz, que nos descansa por sabermos que a música está em boas mãos. **Rui Simões**

Desenha-se...



Lorenzo Mattotti e Claudio Piersanti

“Estigmas”

Witloof, 2000.

10/10

A primazia do desenho

Lorenzo Mattotti efectua regularmente nas suas obras experiências pictóricas e narrativas com o objectivo de renovar constantemente a linguagem da banda desenhada; um objectivo que já persegue desde que fundou o grupo Valvoline em finais dos anos setenta, e que encontra em “Estigmas” um dos seus apogeuos. Porque aquilo que salta primeiramente à vista neste livro é a primazia da sua arte.

Inúmeras linhas sinuosas cruzam-se para dar forma aos escuros cenários e às violentas personagens desenhadas num estilo muito influenciado pelo pintor Grosz. Perspectivas acentuadas e diversos ângulos conferem dinâmica à narrativa. Contrastes acentuados entre o preto trabalhado e áreas brancas acentuam a sensibilidade do argumento. Toda a arte

contribuiu para que o escritor Claudio Piersanti fizesse a sua entrada no mundo da banda desenhada da melhor forma possível, ao poder contar de forma excepcional a história de um empregado de bar alcoólico que vê toda a sua vida ser alterada devido ao aparecimento de estigmas. Com estes estigmas veio também uma maldição, que faz com que o herói se inicie num processo de autodestruição que o afecta não só a ele, como também a todos os que o rodeiam.

Segundo as palavras do próprio Mattotti na introdução do livro, “arranhões, espinhos e rascunhos desenharam esta história; porque a vida do seu herói não passa disso: uma floresta de arame farpado árida e confusa. Encontrar a saída foi um longo caminhar através da surdez e da autodestruição”.

José Miguel Pereira

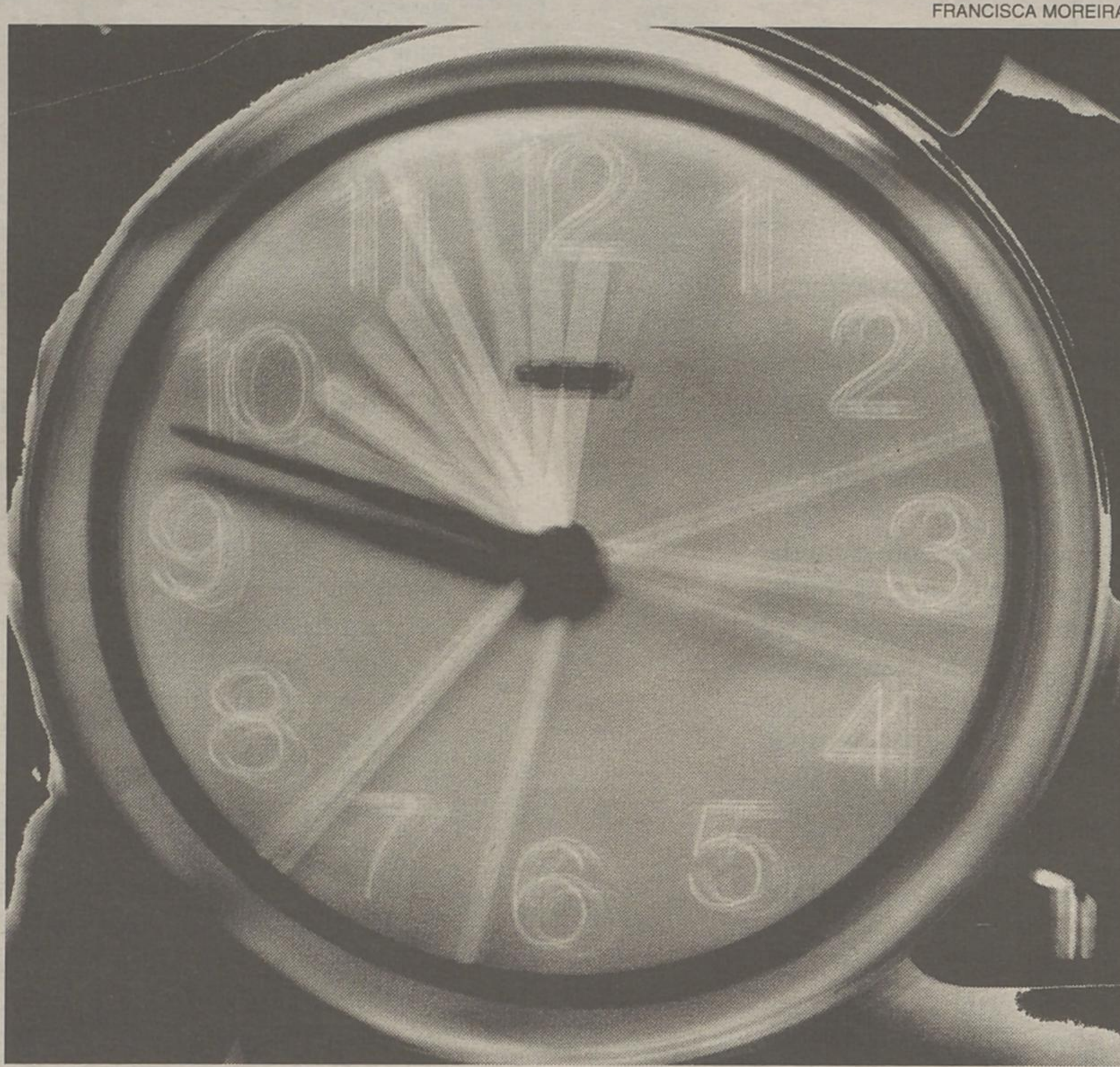
22 ESTÓRIAS

Vida Moderna - 14º Episódio

Relativismo

Ao início da tarde, K. foi passear. Era fim-de-semana e os autómatos obedeciam, portanto, a uma outra velocidade, menos frenética, mais mundana e descontraída. No pequeno parque ao fundo da rua, sentou-se num banco de madeira, protegido pela sombra de uma árvore. E, com um prazer indisfarçável, desfolhou o jornal, começando, evidentemente, pela última página. De pernas cruzadas, olhar sério, respiração profunda, percorreu lentamente todas as notícias do dia anterior. Pôs-se a pensar sobre isso, precisamente. As notícias do dia anterior que preenchem os jornais. É que cada edição é impressa na noite anterior e, entretanto, as notícias desactualizam-se, antes mesmo de o jornal chegar, pela manhã, às mãos do leitor. Desactualizam-se, perdem actualidade. Um conceito tão simples e linear que, no entanto, não o convencia inteiramente. Questionava-se sobre a definição de actual. Por que razão uma notícia, ou um assunto, perde actualidade de um dia para o outro, ou mesmo ao fim de algumas horas. Porque entretanto surgiram novas notícias. Sim, certíssimo, mas a notícia do dia anterior, desactualizada, perde valor, deixa de ter qualquer interesse? Nem por isso. Por que razão uma notícia que tem interesse

num dia, deixa de o ter no dia seguinte? Se o assunto é o mesmo, se a informação é a mesma, o interesse também tem de ser o mesmo. Chegou à conclusão de que a desactualização resulta de um desfazamento temporal entre o acontecimento e a notícia do acontecimento. Mas, nesse caso, apenas a informação instantânea é actual. Em poucos minutos, ou mesmo segundos, surge, irreversivelmente, a sua desactualização. Ou seja, nenhuma notícia é actual. Alguns segundos ou uma semana ou até vários meses depois, a notícia nunca é actual, porque não corresponde, temporalmente, ao próprio acontecimento que pretende retratar ou reportar. Ler o jornal de hoje, com as notícias de ontem, ou o jornal de ontem, com as notícias de anteontem, é precisamente a mesma coisa. O interesse é exactamente o mesmo. Tal como a actualidade, ou melhor, a não-actualidade. Ainda assim, não fazia muito sentido. Continuou a reflectir, até chegar a um outro patamar, o do relativismo. Nesse sentido, não



podia dividir as notícias, de forma simplista, em actuais e desactualizadas. Tudo no mundo é relativo, nada é absoluto, pensou. A própria realidade é um mundo abstracto, depende da percepção de cada um, divergindo de consciência para consciência. Entre o actual e o desactual, há um número infundável de outros níveis de actualidade. Uma escala de valores infinita, estendida no tempo, para a frente, a

partir do epicentro, o momento do próprio acontecimento. Através dela, dessa escala temporal de valores, considera-se uma notícia mais actual do que outra, e vice-versa. Sentiu-se então imensamente orgulhoso pela conclusão a que chegou. Como se tivesse descoberto, com a queda de uma maçã no chão, a fórmula física que explica a dinâmica do mundo. **Gustavo Sampaio**

(Na) Primeira Pessoa

Bolha (L. casei imunitass)

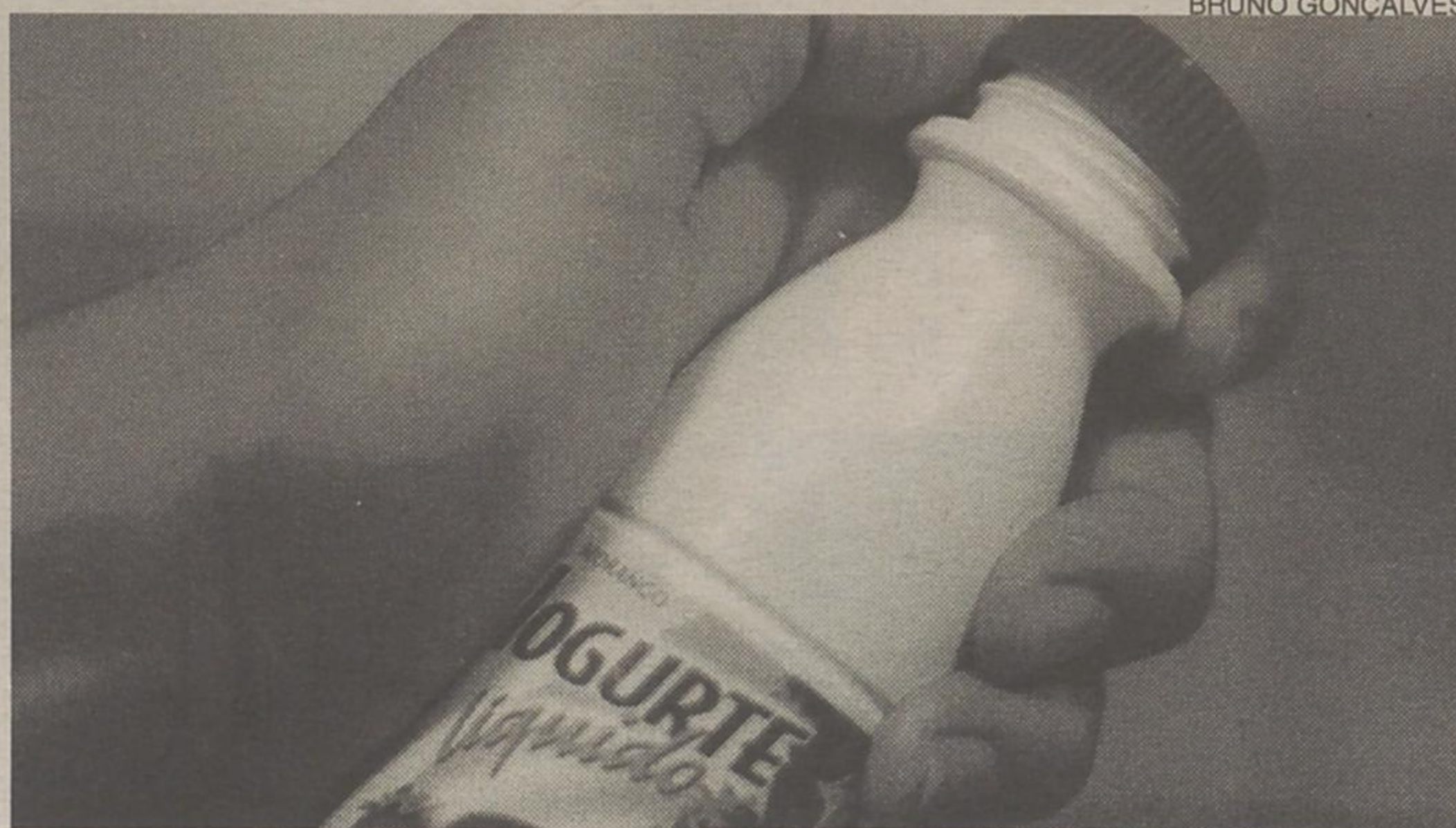
Cinco da manhã, ainda o calor da noite e dos corpos a escorrer-me pela testa. Entro na cozinha para descansar e tento guiar-me na amarela luz ténue e baça do frigorífico. Não o consigo e, da prateleira vazia, sai-me um iogurte daqueles com bolinhas de bifidus activos, ou L. casei imunitass, ou o raio... Não sabe mal, mas não sei onde está a bolha transparente que aparece nos anúncios. Sabe apenas a iogurte.

Volto para o quarto e para o teu corpo, com o sabor do iogurte por instantes na boca e as bolhas (de que material?) a pairarem transparentes sobre mim. Conseguir ser engraçada e descabida a publicidade hoje em dia, mas a verdade é que fico a pensar no raio da bolha. Gosto daquela ideia de protecção invisível, da

tranquilidade inerente a um mero iogurte, do seu potencial protector quase divino.

Por vezes gostava de viver numa dessas bolhas. Aliás, gostava de viver numa bolha bem equipada: termóstato ideal, palmeiras, areias finas, frutos tropicais e o mar em volta. Gostava de pegar em mim e em ti e fugir para uma bolha no Pacífico, com ou sem L. casei imunitass. Depois, de quando em vez, ia buscar-vos a todos a vocês, à Briosia, às noites de copos e aos dias de macacada para nos fazer companhia.

Gostava de viver numa bolha tropical. É lá que vivo sempre que te corro o corpo e encontro a doçura para lá do L. casei imunitass. Para lá disso há o dia-a-dia a correr, a cidade a



fervilhar e o tempo a passar. Bem que, de quando em vez mereço a minha bolha de L. casei imunitass.

"Glup, glup, glup".

Rui Simões

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

Sakur

Diz a lenda o que não pode o povo em tempos de peste

A Sakur tornou-se solto o verbo. Já não espanta isso de vender os olhos do passado, santo ofício de lhe decidir as vidas, deitar-lhe mãos – todas as possíveis de uma assentada – mapas, idade, mobilar o antigo. E já imaginou tanto, muitíssimo, de contornos insuspeitos, sempre a troco, a soldo, pela escrita verdadeiramente falsa, falsamente verdadeira:

"Ícaro só pedia sol e murmúrios, mesmo que às gotas fosse, através do cerco das grades. O Louco vivia nos fios da rua, nas traves, com terror ao chão. Ícaro, preso por fogo posto"

Uma terra salva para magos não pode com historiadores dentro. São como veneno e antídoto, brasa e mar, sede e fatura. A verdade é para o escritor de lendas uma vírgula só, um cordialíssimo motivo. Para a História, a verdade é um abecedário a germinar.

E Sakur achou por certo preferível, condecorável até, fugir do pranto e do abismo de se ter a sós com a História, desconfirmando a regra, sem que pudesse deitar cor aos rumos. Assim que se obrigasse a reescrever memórias, com a lenda às costas e a História como apertivo:

"Não sei escrever a morte do Amor, rio com sete ou oito ou mais ou todas as traças de sol"

Sakur fez e faz do fingimento um cofre. Passou-se ele próprio por personagem de passado não confirmado, com direito a correspondência trocada, a profissão sem fama, a amores sem apelido. Mascarou-se por entre as letras, a ele e às vidas dos mais chegados, no segredo dos dias. Tudo escorrido em doses de verdade aumentada numa poção escrita de invenção, bem climatizada com perfumes de época, raças extintas, modas já apagadas, para soldar passados e outros tantos deixar ténues, não vá ficar sem o que vender à História, como quem acha num baú as curas do mundo:

"Naquele universo fêmeo, o olhar de Micas será o astrolábio: saber perguntar, saber ouvir são também uma espécie de Norte, um norte do discurso, uma direcção tomada segura. E Micas toma-lhe o dom. E só Victoria sabe como"

De caligrafia bem afiada e índice ordenado, Sakur entrega às lendas um ou vários mundos próprios: acrescenta dias a guerras, forja tratados de paz, soma filhos ilegítimos a reis, mascara documentos secretos. E envia, tudo bem empacotado, com pistas apontadas, a quem se espera que cuide da História.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores:** Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura) **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Filipa Oliveira, Nuno Braga, Lurdes Lagarto **Web-design** ACABRA.NET Daniel Sequeira, João Pereira, Marco Fernandes, Tiago Gaspar **Redacção** Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Ventura, Bruno Costa, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carina Valério, Carla Pinto, Carla Santos, Claudio Vaz, Diana do Mar, Elisabete Monteiro, Helder João Pinto, Inês Subtil, Jens Meisel, Joana Moreira, José Manuel Camacho, Liliana Guimarães, Marília Frias, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Marta Póiares, Milene Cunha, Nuno Braga, Olga Telo Cordeiro, Paulo Alexandre Teixeira, Pedro Galinha, Rosa Ramos, Rui Pestana, Sandra Henriques, Sandra Pereira, Sandra Ferreira, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Soraia Ramos, Suzana Marto, Tiago Almeida, Vitor Aires, Wnurnham Silva **Colaboradores permanentes** Andreia Ferreira, António Gil Leitão, Gustavo Sampaio, Jorge Vaz Nande, José Miguel Pereira, Kossaki, Nuno Curado **Colaboraram nesta edição** Cláudia Carneiro, Isabel Marques, Patrícia Jesus, Pedro Galinha, Rafael Pereira, Sara Simões, Sandra Camelo **Fotografia** Ana Estevão, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Cláudio Vaz, Helena Paulino, Joana Fonseca, Rui Couto, Rui Velindro **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 3000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: acabra@gmail.com

Tudo bons rapazes

As autoridades da Grã-Bretanha lançaram o alerta por causa devido ao aumento de jovens infectados com o vírus do HIV

Um número crescente de adolescentes britânicos está a tomar parte de um novo fenómeno de sexo em grupo, conhecido como "daisy chaining". Esta prática envolve jovens, que têm relações sexuais com vários parceiros durante festas.

Os responsáveis pela saúde nas escolas afirmaram numa conferência anual dos enfermeiros estarem conscientes e preocupados com este fenómeno. Judy McRae, uma enfermeira de Londres, afirmou que "há relatos de grandes grupos de jovens, reunidos em festas, que mantêm relações sexuais". A percepção dos agentes da saúde do fenómeno do "daisy chaining" considera a existência de grupos de adolescentes que vão visitando a casa uns dos outros e tendo sexo, de um modo similar ao "swing".

Algumas instituições de caridade

alertaram para esta prática, que poderá levar a um aumento de jovens a contraírem doenças sexualmente transmissíveis. Um porta-voz da Terrence Higgins Trust afirmou que "práticas sexuais de risco como esta têm como consequência óbvia a transmissão de doenças como o HIV". O mesmo elemento considerava preocupante que os jovens se estejam a colocar em risco deste modo.

Katy French, uma conselheira sexual, adiantou que se verificam pressões dos rapazes mais velhos em relação aos mais novos, para que estes se tornem sexualmente activos. Segundo Katy French, "os rapazes mais novos têm problemas em competir com os seus colegas, uma vez que as raparigas tendem a preferir rapazes mais velhos".

Na conferência anual dos enfermeiros, que decorreu em Harrogate, no norte de Yorkshire, sublinhou-se o caso de um rapaz de 14 anos que ficou infectado com o vírus do HIV por ter sexo desprotegido. Quando foi dito ao rapaz que tinha o vírus, ele retorquiu que não era possível, tendo afirmado que "isso só acontece às pessoas adultas".



A chapada é crime

A polícia britânica afirmou que está a seguir jovens envolvidos na vaga de agressões conhecida como "happy slapping", uma prática já anteriormente referida nesta página. O "happy slapping" consiste em esbofetear um qualquer transeunte e registar a agressão com a câmara do telemóvel. A polícia afirma que os gangs, após registarem as bofetadas nos telemóveis, enviam os vídeos por mensagem aos amigos.

Segundo as autoridades, as agressões registadas no metropolitano de Londres e nos autocarros da cidade constituem incidentes sérios e não vão ser tolerados. De acordo com Mark Newton, oficial da polícia britânica, já foram acusadas oito pessoas: "Este é um assunto muito sério e prioritário para a polícia". As autoridades pretendem fazer passar a mensagem de que o "happy slapping" não é divertido, mas sim um crime.

Algumas escolas também já se manifestaram preocupadas com o fenómeno. Uma das escolas, a de St Martin-in-the-Fields, em Lambeth, no sul de Londres, proibiu completamente os estudantes de levarem telemóveis para a escola.

O visível ladrão

Segundo o jornal online sul-africano Independent, em Bamako, a capital do Mali, um homem de cerca de trinta anos tentou assaltar o Banco de Desenvolvimento do Mali. Até aqui nada de novo, não fosse o facto de este assaltante trapalhão ter entrado no banco plenamente convencido de estar sob a protecção de um encantamento que o tornava invisível. O ladrão acabou numa cela da polícia, com ferimentos de bala.

O homem possuía uma considerável carga de amuletos supostamente mágicos. Foi atingido a tiro e detido quando tentava consumir o assalto, de acordo com uma fonte policial. "Ele acreditava que os talismãs o tornavam invisível e invencível", adiantou a fonte, acrescentando que o assaltante carregava "cerca de 15 quilos de amuletos". A polícia encontrado ainda mais amuletos na busca que realizou na residência do indivi-



duo.

O ladrão, de seu nome Mamadou Obotimbe Diabikile, declarou às autoridades que pretendia "vingança", aparentando pertencer a uma seita. No entanto, não foi capaz de dar uma explicação coerente para o assalto que tentou realizar.

A imprensa do Mali deu grande cobertura ao caso deste homem, que

considerou "kamikaze", ao ponto de ter forçado um empregado bancário a encher o saco com dinheiro, antes de

ter sido alvejado por um elemento das forças de segurança, de serviço no banco. Vários tiros foram disparados durante este incidente, no entanto o único ferido a registar foi o aspirante a ladrão, afirmaram as autoridades.

As tentativas de assalto a bancos são extremamente raras na capital do Mali.

Branco no banco

O banco brasileiro

Bradesco foi condenado a pagar uma indemnização de 30 mil reais (mais de 9 mil euros) a uma cliente. Enquanto esperava na fila para ser atendida numa das agências do Bradesco, a senhora foi seguida por um homem que se masturbou e ejaculou para a roupa dela. A instituição bancária foi considerada culpada pelo incidente por alegadamente não oferecer segurança suficiente para evitar ocorrências semelhantes a esta.

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDF) afirmou que existiu prejuízo moral para a cliente. Em relação ao valor da indemnização, o colectivo de juizes sublinhou que a compensação financeira tem uma dupla finalidade. Por um lado, pretende-se compensar o sofrimento gerado pela ofensa a um dos direitos da personalidade da vítima, e por outro punir o acto, no sentido de evitar a reincidência em tal conduta.



Segundo o TJDF, o banco Bradesco não negou a ocorrência, tendo o autor do delito sido inclusivamente preso em flagrante no interior da agência bancária, confessando à polícia a prática do crime. Posteriormente, ao responder às alegações da vítima, o banco defendeu que não teve qualquer culpa nos acontecimentos. De acordo com os desembargadores do TJDF, a instituição bancária tem de responder pelos factos ocorridos no interior das suas agências, uma vez que a responsabilidade pela segurança dos clientes cabe exclusivamente ao banco.

Os bolos municipais

Um dos vereadores de Bogotá, na Colômbia, foi proibido de exercer qualquer cargo público num prazo de dez anos, depois de ter sido apanhado a utilizar um carro da câmara municipal para vender bolos. O indivíduo utilizava o automóvel do município para efectuar o transporte dos bolos, e obrigava o motorista a vendê-los nos parques da cidade. O negócio foi denunciado por um dos assistentes, o que levou à destituição do vereador por mau desempenho das funções.

Tarde demais

Nos EUA, um automobilista que foi multado por excesso de velocidade viu a sua pena reduzida, depois de ter apresentado em tribunal como prova umas cuecas sujas. O sujeito argumentou que a razão que o levou a ultrapassar o limite de velocidade foi uma séria crise de diarreia, de onde derivou a necessidade de chegar rapidamente a casa. O juiz aceitou a justificação do arguido, manifestando-se no entanto preocupado com o espalhar da notícia. Segundo afirmou o juiz, é indesejável ter centenas de arguidos a apresentar em tribunal pares de cuecas sujas.

SEXTA
Informática Multimeia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

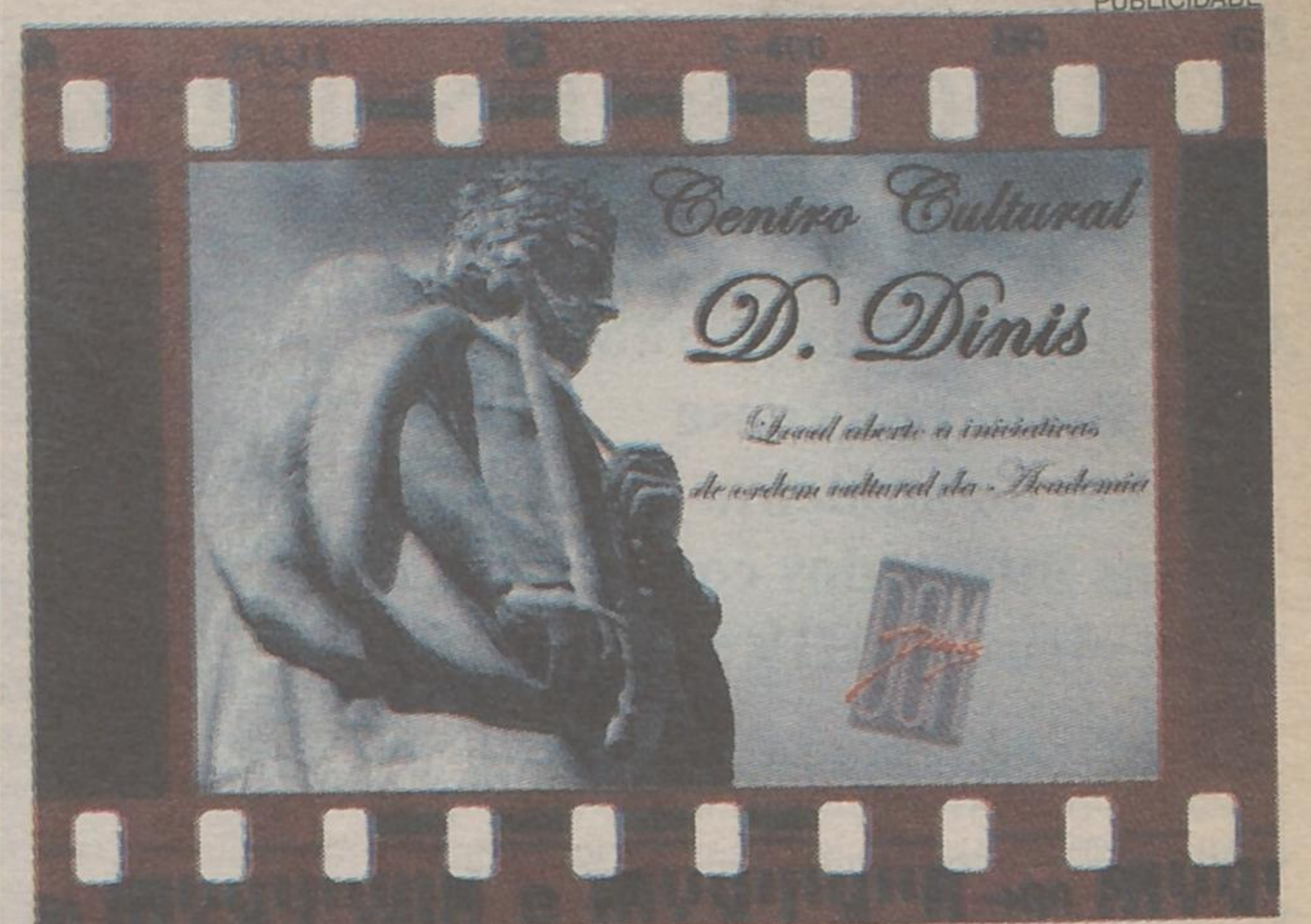
Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com



PUBLICIDADE



Outros rumos...

Por José Manuel Camacho (texto) e Andreia Marques (fotografia)

outrosrumos.acabra.net

Caramulo Roteiros possíveis

Ao princípio começa por ser fácil. Ah e tal, é um pé à frente do outro, fintando rochas como adversários que nos querem travar a marcha. Está fresco. A brisazinha até é normal, claro, estamos na serra. À frente dos olhos manchas de verde e castanho tão próximos de nós que parece que estamos a usar óculos pela primeira vez. Levantar a cabeça e fixar o objectivo: tão a pique; e o que é que tem de especial? O ventinho começa a cortar as orelhas e a gelar a cara, paragem para

respirar. Uma família desce do pico. À passagem, um comentário: "O ar é tão puro que até dói nos pulmões". Pois é, é por isso que tempos atrás vinham doentes tuberculosos para os sanatórios da vila do Caramulo curar-se com este ar de graça. Não podiam era ultrapassar os leões de mármore para não contaminar as populações vizinhas. Mais um esforço que esta quase lá. Vem à memória um dito de Raul Solnado: "A subida esforça, custa, foi por isso que se fez o elevador de Santa Justa". Isso é em Lisboa, cidade de sete colinas, aqui temos umas escadas só na parte final para ajudar o passo. Enfim, Caramulinho conquistado. Visão de falcão sobre o território no topo de 1075 metros.

Espriam-se as serras da Estrela, da Lapa e do Montemuro, a ria de Aveiro e até o mar... As nuvens mesmo

acima da nossa cabeça fazendo com que a terra, lá em baixo, seja um tabuleiro de xadrez. Uma povoação inteira está à sombra. Quase que podíamos ajudá-la e dar-lhe um pouco de sol. Várias opções abrem-se para um roteiro por várias aldeias: Malhapão de Baixo, Boi, Frágua, Mosteirinho, Agadão. Mas ficam para uma próxima vez. Está na altura de descer, parece mais difícil pela pressão que temos que fazer nos joelhos.

Outro roteiro: Alcofra, terra de derivação árabe, e berço da mãe do laureado Egas Moniz. O cume do S. Barnabé é o pretendido juntamente com a capela lendária. A 11 de Junho há a grande festa do sítio. Dizem que no Verão o calor é tanto que é tal e qual como estar na praia. Protector solar recomenda-se.



Arte em "Penetrarte"

Estudantes de Estudos Artísticos apresentam amanhã a edição número um da revista cultural e artística "Penetrarte"

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

A revista "Penetrarte" lança amanhã a sua edição número um, no Teatro-Estúdio do CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), situado no primeiro piso da Associação Académica de Coimbra, pelas 14h30.

Este é um projecto artístico e cultural criado por alunos da licen-

ciatura em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Os principais objectivos da "Penetrarte" passam por "consolidar-se como uma revista de estudos, mais do que compilar informação artística", explica o director do projecto, Mickael Oliveira. No que diz respeito à linha editorial, o director refere que "a revista não pretende enveredar por um só caminho: mistura o antigo e o novo, professores e alunos e a comunidade em geral, de forma universal".

A "Penetrarte" ambiciona realizar uma distribuição gratuita a nível nacional (escolas, universidades, bibliotecas, livrarias, cafés e outras instituições públicas e privadas receptivas ao projecto) e, para isso, conta com o apoio da Reitoria da Universidade de Coim-

bra e da associação académica.

Esta publicação visa promover formas de criação e de investigação e apresenta trabalhos de alunos e docentes na área da música, do cinema, do teatro, das artes plásticas e do espectáculo em geral.

Segundo Mickael Oliveira, a revista é "destinada a um público acima de tudo interessado", que não se cinge à comunidade académica, uma vez que "os artigos não têm uma linguagem muito científica", o que facilita a sua compreensão.

Projecto artístico e cultural consolidado

Em Maio de 2004, foi lançada a número zero, que contou com uma tiragem de 1500 exemplares. Por sua vez, a "Penetrarte" número um

cimenta a continuidade do projecto artístico e intenciona "desenvolver um trabalho com alguma importância no panorama nacional", afirma ainda o director da publicação.

A apresentação da revista será complementada, também no Teatro-Estúdio do CITAC, com a projecção do filme "As Bodas de Deus", do falecido realizador João César Monteiro (pelas 15 horas), seguida de um debate em torno das questões tratadas na película do cineasta português e subordinadas ao tópico "Que vanguarda hoje?". A mesa de discussão vai contar com a presença de alguns docentes da universidade, ligados às artes, numa época em que se coloca a possibilidade de criação de uma Faculdade de Artes na Universidade de Coimbra.

O programa termina com uma performance poética de Bruno Neiva (falante) e Sara Galvão (saxofone), com textos de João Rios e originais, a partir das 21 horas.

Em relação à periodicidade da revista elaborada pelos estudantes de Estudos Artísticos, Mickael Oliveira explica que esta "pretende ser semestral", no entanto, "tudo depende dos apoios económicos", na medida em que este projecto não tem fins lucrativos. Não cumprindo este propósito, o director da iniciativa refere que "o mínimo será editar uma revista anualmente".

A pensar na área de influência da publicação, Mickael Oliveira exprime o desejo de a "tornar uma voz na arte de Coimbra e, talvez, de Portugal".

PUBLICIDADE

SEX 06 5ª Pukada d36 The Parkinsons	SAB 07 PublFordoc 04 Supra Heat Surrenders Bunnyranch	DOM 08 Curtas dos Caminhos do Cinema Nuno Prata Supernada	SEG 09 Curtas dos Caminhos do Cinema Boitezuleika Rags Times	TER 10 PublFordoc 05 António Olais & João Taborda I-Uik Project	QUA 11 Curtas dos Caminhos do Cinema Dead Combo Danae	QUI 12 Factor Activo Fuse Bulilet	SEX 13 Teatro Peripécia Juan Santos & Sus Muchachos Joane e o Amendoim Saltitante Tu Metes Nojo
--	---	--	---	---	--	--	--

Das 23h às 2 da manhã, a RUC oferece-te um espaço alternativo na Queima das Fitas 2005: o palco dos 107.9FM